



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO WALTER DE SÁ LEITÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – LÍNGUA PORTUGUESA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
UNIDADE DE ASSU

LEIDIANE MONTEIRO FERREIRA

PRÁTICAS LEITORAS E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO AMBIENTE ESCOLAR

ASSU, RN

2023

LEIDIANE MONTEIRO FERREIRA

PRÁTICAS LEITORAS E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO AMBIENTE ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, polo Assu, RN, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino.

Orientadora: Prof^a Dr^a Francisca Maria de Souza Ramos-Lopes

ASSU, RN

2023

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M775p Monteiro Ferreira, Leidiane
PRÁTICAS LEITORAS E A EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA NO AMBIENTE ESCOLAR. / Leidiane
Monteiro Ferreira. - Assú, RN, 2023.
120p.

Orientador(a): Profa. Dra. Francisca Maria Souza
Ramos Lopes.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado
Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Diversidade étnico-racial. 2. Discurso. 3. Leitura. 4.
Multiculturalidade. I. Souza Ramos Lopes, Francisca Maria.
II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.
Título.

LEIDIANE MONTEIRO FERREIRA

PRÁTICAS LEITORAS E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO AMBIENTE ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, polo Assu, RN, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 01/09/2023.

Banca Examinadora

Professora Dra. Francisca Maria de Souza Ramos Lopes (UERN)
Orientadora

Professora Dra. Ady Canário de Souza Estevão - Examinadora interna
UFERSA, UERN/Profletras

Professora Dra. Ana Gabriella Ferreira da Silva Nóbrega - Examinadora externa

DEDICATÓRIA

Ao Projeto Beberibe Multicor, por ser a inspiração do meu trabalho. Temos a certeza da imensa contribuição que todo este trabalho proporcionou e ainda proporciona, encantando inúmeros alunos negros e negras na cidade de Beberibe a se reconhecer e ocupar o seu espaço.

Aos autores das obras literárias do Projeto Beberibe Multicor, Lucelena Honorato, a idealizadora, Flávio Marcelo, Renato Leonardo e Soraia Colaço. Vocês fazem o mundo da leitura ser mais encantador para os meus alunos, principalmente os negros e negras.

À minha amiga Meridiana Queiroz (UERN), que me apoiou durante todo o tempo de tentativas de admissão nesse mestrado, por sempre torcer por mim. Sei que sua alegria e sua vontade de mais pessoas vivenciarem o que você vivenciou foi sincera. Uma das suas missões foi cumprida e passarei adiante, pode ter certeza! E para nossa alegria, estamos com a mesma orientadora e mesma temática de projeto, uma bela coincidência!

Aos meus colegas de trabalho, de docência, José Aurélio Souza, Ana Patrícia de Castro, Karine Gonçalves, Valmi Nepomuceno, Henrique Jorge e Rosângela Venâncio, por serem meus parceiros. Obrigada por me incentivarem a seguir, por me darem parabéns a cada conquista, a cada sobrevivência.

AGRADECIMENTOS

Depois de três tentativas, sou aprovada! Não foi fácil! Dentro das duas primeiras tentativas, perguntava-me qual o motivo da minha não aprovação, o que eu fazia de errado. Era um mestrado que eu sempre quis fazer, não fui em vão. Hoje eu entendo tudo! Há o tempo certo para tudo em nossas vidas. Desde então, são muitas alegrias, descontentamentos e pessoas que fizeram parte de tudo isso junto comigo. Dentre eles, destaco:

Deus, que não me deixou faltar forças para prosseguir depois de três tentativas de abandono. És minha fortaleza, em ti confiei, acreditei e venci.

À minha querida orientadora, Dra. Francisca Maria de Souza Ramos Lopes (UERN), por aceitar o custoso trabalho de me orientar. Foram tantas provas de resistência, tempo, espaço, produtividade, desistência, abandono, ora e outra, avanços. Neste, recolhia ainda o pouco de esperança que tinha e depositava em mim. Eu, refazia-me e seguia!

Um abraço muito especial!

Às professoras da minha banca de qualificação, Dra. Ady Canário de Souza Estevão, minha avaliadora interna (UFERSA), (UERN/PROFLETRAS) e Dra. Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques, minha avaliadora externa (IFRN), (UFRN, PPgEL), por ter dado luz a este trabalho com suas valiosas contribuições.

Muito sucesso na vida de vocês!

À minha colega de Mestrado Raquel Oliveira, com quem compartilho minha orientadora. Obrigada por todas as trocas de experiências, alegrias e memes (risos). Você é um ser humano incrível e sou muito feliz por tê-la em minha vida! Obrigada por ter dividido seu tempo comigo, sua existência nesse processo trouxe mais leveza a minha alma, aos meus dias de leitura e estudo. Seja muito feliz!

À minha parceira de trabalho e amiga, Ana Patrícia Castro, por me acolher tão bem em seu lar, em Natal, por ter acolhido as minhas angústias e tornado tudo mais prazeroso.

Aos meus irmãos, José Leidson Monteiro, nossa fonte de inspiração, Leilaymesson Monteiro, minha dor de cabeça e querido, minhas gêmeas Leiziane Monteiro e Leilane Monteiro, minhas eternas nenéns, de que desde que conheço o mundo, estamos no mundo da leitura. Este mundo que proporcionou estarmos sempre juntos e seguindo os mesmos ideais. Trocamos juntos muitas experiências, alegrias, sorte e amor.

Eu amo vocês!

Ao meu namorado, João Paulo Cirilo, que esteve comigo desde o início. Obrigada por sempre confiar que eu ia passar. Saiu do estado pela primeira vez comigo em busca de um sonho que não era seu. Esteve comigo na quarentena da pandemia COVID-19 acompanhando todo meu

estudo e, por vezes, servindo-me. Obrigada, meu bem!

Desejo ser seu par para sempre!

À minha família, meu maior motivo de continuar tentando! Eu amo vocês!

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los.”
Alvo Dumbledore
Harry Potter e as Relíquias da Morte

RESUMO

Problematizar a temática da diversidade étnico-racial na escola é uma das formas de ampliar a compreensão acerca da história do povo negro em nosso país, como também um grande desafio para parte dos educadores. Posto que, mesmo circulando em âmbito nacional, a lei 10.639/2003 e suas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que implementa e orienta a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro nos currículos escolares, muitos programas de ensino ainda não inseriram no currículo escolar estudos sistematizados a esse respeito. Nesse sentido, este trabalho se propõe discutir práticas de linguagem que respeitem e valorizem a diversidade, identidade e autoestima dos alunos negros. Metodologicamente, faz-se uso de uma abordagem qualitativa-interpretativista (MOITA-LOPES, 1994). A materialidade para a análise discursiva será a partir de recortes das obras literárias *Leiza, um conto de Cabelos* (SILVA, 2017), *Refazendo o caminho, um reencontro com a nossa história* (COLAÇO, 2017) e *Zaki* (PINTO, 2017), as quais têm inspirações nas vivências realizadas no âmbito do Projeto Beberibe Multicor: por uma infância sem racismo (LIMA, 2015). A abordagem respalda-se em teorizações sobre leitura e produção de sentidos (PECHEUX, 1997, 2008 e ORLANDI, 2008, 2013) e racismo (ALMEIDA, 2018; CAVALLEIRO, 2001 e MUNANGA, 2005). O Projeto Beberibe Multicor tem como missão a promoção dos direitos humanos, por meio da arte e educação, com foco na inclusão social, e no combate a qualquer forma de violência, discriminação e preconceito através de diversas atividades.

Palavras-chave: Discurso. Diversidade étnico-racial. Leitura. Multiculturalidade.

ABSTRACT

Problematizing the theme of ethno-racial diversity at school is one of the ways to broaden the understanding about the history of black people in our country, as well as a great challenge for some educators. Even though law 10.639/2003 is in force nationwide, which implements the mandatory study of African history and culture in school curricula, many educational programs have not yet included systematized studies on this subject in the school curriculum. In this sense, this paper proposes to discuss language practices that respect and value diversity, identity and self-esteem of black students. Methodologically, a qualitative-interpretativist approach is used (MOITA-LOPES, 1994). The materiality for the discourse analysis will be from statements of the literary works *Leiza, um conto de Cabelos* (SILVA, 2017), *Refazendo o caminho, um reencontro com a nossa história* (COLAÇO, 2017) and *Zaki* (PINTO, 2017), which have inspirations in the experiences carried out in the scope of the Beberibe Multicor Project: for a childhood without racism (LIMA, 2015). The approach is supported by theorizations on reading and sense production (PECHEUX, 1997, 2008 and ORLANDI, 2008, 2013) and racism (ALMEIDA, 2018; CAVALLEIRO, 2001 and MUNANGA, 2005). The Beberibe Multicor Project's mission is to promote human rights, through art and education, with a focus on social inclusion, and combating any form of violence, discrimination and prejudice through various activities.

Keywords: Discourse. Ethnic-racial diversity. Reading.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Capa da obra Zaki

FIGURA 2: Trecho da obra Zaki

FIGURA 3: Trecho da obra Zaki

FIGURA 4: Trecho da obra Zaki

FIGURA 5: Trecho da obra Zaki

FIGURA 6: Trecho da obra Zaki

FIGURA 7: Trecho da obra Zaki

FIGURA 8: Capa da obra Leiza um conto de cabelos

FIGURA 9: Trecho da obra Leiza um conto de cabelos

FIGURA 10: Trecho da obra Leiza um conto de cabelos

FIGURA 11: Trecho da obra Leiza um conto de cabelos

FIGURA 12: Trecho da obra Leiza um conto de cabelos

FIGURA 13: Trecho da obra Leiza um conto de cabelos

FIGURA 14: Trecho da obra Leiza um conto de cabelos

FIGURA 15: Capa do livro Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história

FIGURA 16: Imagem do livro Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história

FIGURA 17: Trecho do livro Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história

FIGURA 18: Trecho do livro Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história

FIGURA 19: Trecho do livro Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história

FIGURA 20: Imagem do livro Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história

FIGURA 21: Trecho do livro Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história

FIGURA 22: Trecho do livro Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história

FIGURA 23: Imagem do livro Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	Problematização.....	10
1.2	Objeto de estudo.....	11
1.3	Objetivos.....	11
1.4	Justificativa.....	11
1.5	Abordagem teórico-metodológica da pesquisa.....	13
1.6	Descrição do corpus da pesquisa.....	14
1.6.1	O projeto beberibe multicor.....	14
1.6.2	Obras literárias.....	14
2.	LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO.....	16
2.1	Leitura na perspectiva discursiva.....	16
2.2	Leffa e Freire.....	18
2.3	Concepções de linguagem e o ensino da Leitura.....	19
2.4	Leitura e interdisciplinaridade.....	20
2.5	Orientações da BNCC para o ensino da leitura.....	21
3.	LEITURA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	24
3.1	Relações étnico-racial e a lei 10.639/2003.....	24
3.2	Diversidade, identidade negra e racismo.....	25
3.2.1	Pensando sobre a diversidade étnico-racial na escola.....	25
3.2.2	Ancestralidade e identidade negra.....	26
3.2.3	Discutindo racismo, preconceito e discriminação.....	28
4.	UM DIÁLOGO COM AS OFICINAS: ALGUMAS ANÁLISES.....	30
4.1	O negro representado no conto “zaki”.....	30
4.2	Leiza, padrão de beleza e racismo.....	35
4.3	Refazendo o meu próprio caminho.....	40
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
6.	REFERÊNCIAS.....	47
	CADERNO PEDAGÓGICO: PRÁTICAS LEITORAS: UMA PROPOSTA DE SUPERAÇÃO DO RACISMO NA ESCOLA.....	51

1. INTRODUÇÃO

1.1 Problemática

A lei 10.639/2003 torna obrigatório o estudo da história e cultura afro nos currículos escolares, mas não se tornou uma realidade nas salas brasileiras. Nesse sentido, a implementação da lei e orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana ainda enfrentam obstáculos para se chegar efetivamente à escola.

Abordar as questões étnico-raciais, hoje, no espaço escolar é fundamental, pois a escola é um lugar privilegiado para a educação da diversidade. E, nesse sentido, questionamo-nos como um trabalho com a literatura afro-brasileira pode contribuir positivamente para a construção da identidade e autoestima de crianças negras que já chegam silenciadas até os espaços escolares. Esse silenciamento gerado pela família afere a criança negra a incerteza de ser aceita ou não pelos colegas, professores e servidores da escola. Além disso, ainda se depara com um ambiente de aprendizagem que não faz referência a superação dos preconceitos e atitudes discriminatórias com a inserção de sua história e cultura.

Isto posto, implementar a lei na escola é de encargo dos professores. Além dela, os documentos oficiais, tais como: os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) e as Diretrizes Curriculares Nacionais e os DCNs (2013) orientam um trabalho de reconhecimento e valorização da diversidade, cultura e história do povo africano. De acordo com os DCNs, esse “reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras.” (Brasil, 2013. P.37). Reconhece-se que é um trabalho possível, mas para que essa mudança na atuação pelas causas étnico-raciais seja valorizada é necessário que o professor reconheça atitudes racistas e discriminatórias no cotidiano da sala de aula e assuma uma postura de responsabilidade frente a causa.

Então, a materialidade para análise discursiva desta pesquisa, de caráter qualitativa-interpretativista, será a partir de recortes das obras literárias do Projeto Beberibe Multicor: por uma infância sem racismo, que trabalha a temática étnico-racial com alunos das escolas municipais, do município de Beberibe, CE. Circo Multicor (HORONATO, 2017), Leiza, um conto de Cabelos (SILVA, 2017), Refazendo o caminho, um reencontro com a nossa história (COLAÇO, 2017) e Zaki (PINTO, 2017), textos que têm inspirações nas oficinas e vivências no âmbito do projeto são um meio para questionar o racismo e destituir estereótipos em relação ao negro dentro e fora do ambiente escolar.

O trabalho está organizado por meio de quatro capítulos. No Capítulo um, apresentamos as considerações iniciais. Nelas, desenhamos o objeto de estudo, os objetivos, a justificativa, a abordagem teórico-metodológica e a descrição do corpus da pesquisa. O capítulo dois intitulado de Leitura e produção de sentidos apresenta algumas concepções de leitura, uma relação entre as concepções de linguagem e o ensino da leitura e reflete sobre a importância do ato de ler em uma perspectiva interdisciplinar e sobre algumas das orientações da BNCC para o ensino da leitura. Na

sequencia, o capítulo três, Leitura e as relações étnico-raciais, se propõe a pensar sobre a importância do trabalho com a diversidade étnico-racial na escola, a partir da lei 10.639/2003. Em seguida, no capítulo quatro, são apresentadas e comentadas três propostas de oficinas, produzidas a partir do material do Circo Multicor (HONORATO, 2017). As referidas são direcionadas a estudantes da educação básica, 8º ano. Para concluir, além das considerações finais e as referências, segue a proposta de apresentação de um Caderno Pedagógico, com seis oficinas.

1.2 Objeto de estudo

Nessa pesquisa, consideramos que um trabalho com a temática das relações étnico-raciais dentro das salas de aula pode favorecer e proporcionar uma transformação estrutural da sociedade. Mesmo circulando em âmbito nacional, a lei 10.639/2003 a qual implementa a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro nos currículos escolares, muitos programas de ensino ainda não inseriram no currículo escolar estudos sistematizados a esse respeito.

Considerando essas reflexões, o objeto de estudo desse trabalho “recortes das obras literárias do Projeto Beberibe Multicor: por uma infância sem racismo”, nos mostra que é possível trilhar caminhos que sejam possíveis que a temática circule dentro das salas de aula de forma efetiva por meio de práticas pedagógicas.

1.3 Objetivos

Guiados pelo destaque de que a literatura precisa cada vez mais de representatividade para crianças e jovens negro/as, estabelece-se como objetivo geral discutir práticas de linguagem que respeitem e valorizem a diversidade, identidade e autoestima dos alunos negros a partir da leitura.

Propõem-se os seguintes objetivos específicos:

- I. Refletir sobre nossa ancestralidade na perspectiva de combater o racismo estrutural, institucional e cotidiano, dimensões que afetam as crianças desde a infância;
- II. Analisar práticas de leitura que contribuam para o empoderamento dos alunos negros/as;
- III. Produzir um caderno pedagógico com oficinas de leitura que possam auxiliar no combate ao racismo.

1.4 Justificativa

A população brasileira negra, por muito tempo, não teve acesso à escola em decorrência de um plano educacional excludente. Hoje, falar sobre o racismo na escola é, por vezes, muito complexo. Os docentes não sabem como desenvolver e direcionar as discussões e, por muitas vezes, o assunto é tratado como banal. É evidente que os cursos de Licenciatura não preparam e nem oportunizam meios de se discutir as questões étnico-raciais no ambiente escolar, muito menos o currículo oportuniza isso. No entanto, é necessário que o professor esteja em constantes reflexões a fim de enxergar a responsabilidade que tem dentro de sala de aula frente a essas questões.

Um levantamento divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que a parcela da população brasileira que se autodeclara de cor ou raça preta passou de 14,5 milhões no censo populacional de 2010, para 20,7 milhões em 2022, um crescimento de 42,3%. Simultaneamente, os autodeclarados pardos superaram os brancos de forma inédita. Em 2022, 92,1 milhões de brasileiros, 45,3%, se declararam pardos, ante 88,3 milhões de brancos, 43,5%. Esse levantamento é visto como uma grande transformação para as questões étnico-raciais no Brasil, mas é necessário não olhar para um número separado de outros elementos. Ele representa um número que foi dado destaque dentro de um vasto contexto.

Os indicadores educacionais também apresentados pelo IBGE no censo de 2022, divulgado em 2023 diz que há um percurso de melhora nos resultados da escolaridade acumulada ao longo das gerações, correção de fluxo escolar e ampliação do acesso à educação. Mesmo assim, não há como negar que a população negra ainda permanece em desvantagens em relação a população branca. Isso é evidente, também, frente aos inúmeros casos de denúncia de racismo, discriminação e preconceito, que estão cada vez mais sendo divulgados nas grandes mídias, que traz profundos problemas educacionais e de saúde atualmente.

O censo de 2022 indicou que entre as pessoas pretas ou pardas com 15 anos ou mais de idade, 7,4% eram analfabetas, mais que o dobro da taxa encontrada entre as pessoas brancas de 3,4%. No grupo etário de 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo dos brancos foi de 9,3%, enquanto entre pretos ou pardos ela chegava a 23,3%. O quadro de analfabetismo que se refere às pessoas pretas ou pardas permanecem muito inferior dos observados na população branca.

De forma extraordinária, mais da metade da população, 53,2%, de 25 anos ou mais havia concluído, pelo menos a educação básica obrigatória, ou seja, concluiu o ensino médio. Entretanto, para as pessoas de cor preta ou parda, esse percentual foi de 47%, enquanto entre as brancas foi de 60,7%. Além disso, na população de 18 a 24 anos, 36,7% das pessoas brancas estavam estudando, enquanto entre pretos ou pardos a taxa foi de 26,2%. Entre os brancos, nesse grupo etário que frequentavam a escola, 29,2% cursavam graduação, ante 15,3% das pessoas de cor preta ou parda. Ademais, 70,9% dos pretos ou pardos nessa idade não estudavam nem tinham concluído o nível superior, enquanto entre os brancos este percentual foi de 57,3%. Um dos dados mais alarmante pois, no Brasil, este implica, consequentemente, em quanto mais escolaridade, muito maior o meu desempenho salarial. Isso também é nítido pela necessidade desse grupo em ingressar no mercado de trabalho, sem disposição alguma para enfrentar o ensino superior.

É preciso mobilizar toda a sociedade no fortalecimento das inovações pedagógicas para o acesso e permanência das crianças e jovens negros na escola, pois os resultados sempre são desvantajosas para este grupo. Entrelaçados com os resultados de índices educacionais estão os índices de violência das pessoas negras ou pardas, que são medidos através da taxa de homicídios, que é quase três vezes maior que a de brancos.

Dessa maneira, essa desigualdade étnico-racial vem se perdurando durante muito tempo e sua superação requer muito esforço institucional e social. No Brasil, iniciou-se um processo de reconhecimento ainda embrionário do ser negro. Há uma ressignificação, as pessoas estão se reconhecendo negras, enxergando a sua cor. No entanto, há uma gigantesca desvantagem secular entre negros e brancos. O que precisa ser feito é um investimento pesado em políticas públicas a fim de efetivar que a lei 10.639/2003 e suas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das

Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana a qual implementa e orienta a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro nos currículos escolares esteja dentro das escolas, com um plano de desenvolvimento educacional que vise a transformação das relações étnico-raciais. Só através da educação tem o poder de mudar esses números que representam não só o racismo, preconceito e discriminação, mas também que assolam e levam a extrema pobreza a população negra no País.

1.5 Abordagem teórico-metodológica da pesquisa

A base metodológica que dá suporte a esta pesquisa é a abordagem qualitativa-interpretativista (MOITA-LOPES, 2004), ou seja, possibilita o acesso indireto ao fato de pesquisa “através da interpretação dos vários significados que o constituem”. Esta dissertação insere-se no âmbito da Linguística Aplicada (LA), que busca inteligibilidade sobre o meio social, no qual a linguagem é entendida como prática social, isto é, como instrumento para a construção de conhecimento e da vida em sociedade (MOITA LOPES, 2009). Procura-se construir, através de estudos de recortes de textos, oportunidades de se discutir as questões étnico-raciais dentro de salas de aula através da concepção de linguagem como interação, escolhidos por se tratar de um acervo local, distribuídos em toda a rede municipal de ensino da cidade de Beberibe, CE. Os textos discutem e dialogam diretamente com as questões do racismo cotidiano, que afetam tanto as crianças desde a infância, trazendo a realidade infantil frente ao racismo, discriminação e preconceito

Este estudo é proposto sob o prisma da perspectiva interpretativista, pois acredita-se ser o modelo metodológico que responde de forma mais satisfatória as propostas analíticas e dialoga com o método qualitativo no qual a pesquisa também se ancora. A metodologia interpretativista recusa a neutralidade, pois é na realidade social que os sujeitos se constituem e tornam-se protagonistas do processo interpretativo. De acordo com Moita Lopes (1994) esse método visa que os múltiplos significados que constituem a realidade só são passíveis de interpretação, de intersubjetividade. Moita Lopes (1994, p. 332) ainda enfatiza:

É justamente a intersubjetividade que possibilita chegarmos mais próximo da realidade que é constituída pelos atores sociais – ao contrapormos os significados construídos pelos participantes do mundo social. O foco é, então, colocado em aspectos processuais do mundo social em vez do foco em um produto padronizado.

O excerto acima revela que a investigação de natureza interpretativista é enriquecedora, pois demanda de uma operação científica que considera as interpretações no contexto social e possibilita, de modo particular, a organização da experiência humana por meio do discurso.

O embasamento teórico se dá a partir de referenciais advindos das áreas de discurso: Pecheux, (1997, 2008) e Orlandi (2008, 2013); de leitura: Lajolo (1982) e Leffa (1996); dos estudos culturais, destacando-se pesquisas sobre etnias e identidades, a partir de Cavalleiro (2005), Silva (2005), Munanga (2005) e Ramos-Lopes (2010; 2016).

Este trabalho propicia reflexões e discussões que, por vezes, não são levantadas dentro de sala de aula, oportunizando que a temática das relações étnico-raciais esteja presente de forma efetiva no ambiente escolar.

1.6 Descrição do corpus da pesquisa

1.6.1 O projeto beberibe multicolor

O Projeto Beberibe Multicolor possui uma sede própria e é desenvolvido em vários espaços do município de Beberibe, no Ceará. Criado por Lucelena Honorato (2011), professora efetiva da rede pública de ensino. Ele tem como foco o movimento por uma infância sem racismo, o qual se estende para diversos espaços educacionais e de convivência, que se fortalece por meio do coletivo de profissionais da educação e assistência, público infanto-juvenil, familiares e colaboradores. Essa rede de apoio tem a finalidade de criar oportunidades para que a população beberibense, os povos afrodescendentes e indígenas tenham acesso a um amplo debate sobre o racismo e suas consequências, a fim de desenvolver estratégias de enfrentamento às diversas violências raciais e, por conseguintes, sociais.

O projeto tem como missão a promoção dos direitos humanos, por meio da arte e educação, com foco na inclusão social, e no combate a qualquer forma de violência, discriminação e preconceito através de diversas atividades, como:

- Vivências dialogadas; oficinas artísticas, literárias e jogos infantis de brincadeiras africanas e afro-brasileiras;
- Protagonismo juvenil por meio da rede web de comunicação e o núcleo de etnodesign;
- Iniciação profissional;
- Produção de livros e material pedagógico;
- Ações itinerantes nas comunidades;
- Formações para profissionais da educação e assistência;
- Articulação com SGDCA (Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente); pesquisas/diagnóstico no sentido de contribuir com a proteção integral de crianças e adolescentes;
- Campanhas de desnaturalização do racismo, apresentando-o como violência;
- Intercâmbio de experiências educacionais/sociais com a França.

1.6.2 Obras literárias

O acervo do multicolor é composto por obras literárias as quais têm inspiração no âmbito do movimento por uma infância sem racismo. São elas: Zaki; O circo multicolor; Leiza: um conto de cabelos; Refazendo o caminho - um reencontro com a nossa história. Essas obras são divulgadas através de um espetáculo intitulado Espetáculo Livros Coloridos, a música, artes plásticas, dança, teatro, literatura e poesia encontram-se com o propósito de refletir sobre nossa ancestralidade na perspectiva de combater o racismo antinegro, para que crianças tenham direito de crescerem livres e felizes.

As obras literárias do Projeto Circo Multicolor foram distribuídas em todas as escolas de ensino fundamental da rede pública na cidade de Beberibe. São livros e textos que os acervos das bibliotecas e salas de leitura disponibilizam para combater o racismo dentro do ambiente escolar.

No entanto, esses livros são, por vezes, esquecidos nas prateleiras e não há um direcionamento adequado para uso de seus textos.

Nos momentos de alusão à consciência negra, os livros são lembrados para compor os ambientes e para observações superficiais. As discussões são voltadas para abordagens que remetem a época da escravidão e tornam preteridas as repercussões históricas que ressignificaram as práticas racistas com problemáticas atuais, como a cultura do cabelo liso, o bullying, preconceitos e os estereótipos instaurados pela sociedade.

2. LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO

2.1 Leitura na perspectiva discursiva

Quando falamos em discurso, falamos em construção de ideologia, esta que, por sua vez, está intrinsecamente ligada ao sujeito. Como observa Pêcheux (1975), citado por Orlandi (2007, p. 20):

O discurso é efeito de sentidos entre locutores. Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas

Os discursos produzem sentidos a partir dos fatos, das vivências entre os sujeitos, dos acontecimentos históricos e sociais. Desse modo, o sentido não é fixo, mesmo com determinados conhecimentos partilhados entre os interlocutores os efeitos de sentido advindos, por exemplo, da letra de uma música, de uma pintura, de um poema, dentre outros gêneros discursivos, podem ser diferenciados, posto que cada sujeito se inscreve em uma história, em uma formação discursiva. Não há discurso unívoco, fechado em si. Existe um processo discursivo por meio do qual os discursos podem ser analisados em contextos diferentes, produzindo assim, os mais variados efeitos de sentido.

Para Orlandi (2007, p. 47):

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito - afetado pela língua - com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever.

A discussão de Orlandi direciona-nos a entender que os sentidos de um texto não estão, necessariamente, explícitos nele, mas podem ser construídos a partir da relação de exterioridade entre a língua e os sujeitos, estes constituídos ideologicamente e inseridos em uma formação discursiva.

As formações discursivas são compreendidas como “as diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes” (PECHEUX, 1975). Ou ainda, nas palavras de Orlandi (2012, p. 55) “a formação discursiva é a projeção da ideologia do dizer”.

Em se tratando de ideologia, Orlandi (1994, p. 56) a define “como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existências” sendo ela “constitutiva da relação do mundo com a linguagem” e condição para esta relação. Ou seja, não há discurso neutro, posto que ele é visto como objeto histórico-social permeado e revelador de ideologias.

Para Orlandi (2007, p. 47):

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever.

A discussão de Orlandi nos remete ao entendimento que os sentidos de um texto não estão, necessariamente, explícitos nele, mas podem ser construídos a partir da relação com outros textos. De acordo com Orlandi (2017, p. 152) “os sujeitos e os sentidos se constituem ao mesmo tempo”. Para compreendermos esse processo, é preciso refletir sobre como eles se constituem, como formulam e são formulados e como circulam.

Lajolo (1982, 59) amplia essa esteira discursiva quando afirma:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

O aceitar ou rebelar-se contra a leitura relaciona-se as múltiplas formações discursivas do sujeito, as condições de produção, historicidade do texto e da própria ação da leitura. A esse respeito, Orlandi (1993, p. 10) comenta: “É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto. Leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo”.

Dessa forma, em um processo interacional, os efeitos de sentidos de um texto aludem as diversas possibilidades de compreensão e interpretação assumidas pelos sujeitos, a partir dos elementos envolvidos: o texto, o autor e o próprio leitor. Observando-se que essa construção ocorre via relações sócio-históricas, em diferentes contextos e com diferentes objetivos (ORLANDI, 2008).

A esse respeito, Orlandi (1989, p. 193) concebe a leitura como:

O momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação. Em outras palavras: é na sua interação que os interlocutores instauram o espaço da discursividade. Autor e leitor confrontados definem-se em suas condições de produção. Os fatores que constituem essas condições é que vão configurar o processo da leitura.

Nessa perspectiva, ler é um entrelace de constituição de sentidos em que diante da interação verbal, os interlocutores, como parte de um confronto histórico, social e cultural, instauram o espaço discursivo e constroem as mais variadas possibilidades de leitura. Ou ainda:

Ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diferentes esferas sociais – jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, midiática, literária, publicitária, etc. Trata-se de propiciar o desenvolvimento de uma atitude crítica que leva o aluno a perceber o sujeito presente nos textos e, ainda, tomar uma atitude responsiva diante dele. (BRASIL, 2008, p. 71).

É imprescindível que nas práticas cotidianas de ensino e aprendizagem, os discentes se familiarizem com os mais variados gêneros discursivos, como também sejam envolvidos com diferentes situações de uso da língua. É significativo que por meio das práticas leitoras eles possam viver experiências que os conduza a um mundo ora imaginário, ora real, lendo não só para se informar e informar, mas também para descobrir, planejar, propor, argumentar, reivindicar, viajar, criar um mundo de sonhos. Ler para se envolver, para selecionar, fazer escolhas, se posicionar criticamente, construindo, descobrindo múltiplos sentidos para os objetos que circulam ao seu entorno.

2.2 Leffa e Freire: alguns diálogos que se (entre)cruzam

No concernente a leitura, seja verbal ou não verbal, Leffa (1996) afirma que a leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermédio de outros elementos da realidade. O autor compara o processo da leitura com um jogo de espelhos que captam a realidade e são processadas. Diferentes posições e angulações desses espelhos, refletirão em diferentes segmentos da realidade. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.

Nossa defesa é de que como não há qualquer identidade física entre o material de que é feito o espelho e o material que ele reflete, não existe também uma relação unívoca entre o texto e o conteúdo. Um mesmo texto pode refletir vários conteúdos, como vários textos podem também refletir um só conteúdo. (LEFFA, 1996, p. 13/14). Esse modelo de leitura também pode ser lido nas produções de Freire (1989, p.32): “aprender a ler e a escrever não é decorar 'bocados' de palavras para depois repeti-los. Ou seja, o processo tradicional de leitura (centrado, basicamente, na decodificação de palavras e na retenção de conteúdos na memória) não constitui, efetivamente, um ato de ler acabado, pleno. Em outras palavras, esse processo não seria propriamente leitura mas uma mera tarefa de exercício escolar, a chamada memorização mecânica, que é incapaz de produzir o conhecimento do objeto de que o texto fala. (FREIRE, 1989, p. 12).

Na concepção de Freire (1989), o ato de ler perde seu sentido simplista para encaixar-se em uma compreensão crítica, ou seja: Que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9).

Nessa ótica, a verdadeira compreensão do texto se perfectibiliza pela percepção do contexto no qual está inserido. As relações entre texto e contexto são, portanto, essenciais na visão freiriana de leitura, para quem a leitura da palavra pode ser entendida como a leitura da palavra mundo. (FREIRE, 1989, p. 9). Ou seja, sem se compreender o mundo, jamais se compreenderá a palavra. Desse modo, deixa claro que a leitura da palavra, que é posterior, em nada, significa uma ruptura com a leitura do mundo. (FREIRE, 1989, p. 9). Ao contrário, vale dizer, a leitura da palavra

aumenta, melhora e faz evoluir a leitura do mundo que cada indivíduo realiza continuamente ao longo de sua existência.

No sentido exposto, respaldada pelas ideias de Freire (1989, p. 19), compreendemos que a leitura contribui para o empoderamento social do sujeito:

Se antes a transformação social era entendida de forma simplista, fazendo-se com a mudança, primeiro das consciências, como se fosse a consciência, de fato, a transformadora do real, agora a transformação social é percebida como processo histórico em que subjetividade e objetividade se pendem dialeticamente. Já não há como absolutizar nem um e nem outra.

Ademais, Freire (1989) enfatiza que a compreensão crítica do ato de ler é um processo de apreensão e construção sócio-histórico, que se vai construindo ao longo da vida de cada pessoa, de acordo com as suas práticas pessoais de interação com o mundo, ou seja, consoante sua vivência concreta nos diversos horizontes da cultura. Portanto, de acordo com a teoria freiriana, leitura real, de fato, verdadeira, configura-se tão somente quando o processo de ler consegue apreender a significação profunda daquilo que está sendo lido. Ou ainda, a leitura provoca questionamentos, autonomia, transformações, ou seja, empoderamento!

2.3 Concepções de linguagem e o ensino da Leitura

O Círculo de Bakhtin é a denominação de um grupo que reuniu diversos pensadores de várias áreas do conhecimento, como a filosofia, a linguística, a poesia, a história, a biologia, a música, entre outras. Mikhail Bakhtin foi um dos que mais se destacou dentro do grupo de pesquisadores com a forma de estudar a linguagem. Esses estudos servem de inspiração para as reflexões acerca da língua e no ensino do Português até hoje.

As produções do Círculo enlaçam a essência da língua no que dizem respeito a concepção de linguagem como interação discursiva que demonstra ser mais proficiente no ensino de leitura. E é essa a parte do estudo que pautaremos este trabalho e por meio dos fragmentos de textos em que possamos ressignificar posicionamentos discursivos dos nossos alunos dentro das salas de aula sobre a questão do racismo, pois:

[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1982, p. 123).

Essa abordagem teórica, desenvolvida pelos estudiosos do Círculo, permite-nos compreender que a linguagem é um processo de interação permeado pelo diálogo e não como um simples instrumento de comunicação. Isso significa que toda comunicação é uma realização concreta da interação verbal, pois toda palavra que procede de alguém se dirige a alguém. No entanto, não é apenas uma manifestação do pensamento por meio da palavra para o outro, mas expressar-se em relação ao outro através do discurso de uma visão de mundo.

Bakhtin atrai a sua reflexão para o caráter social, marcado pelo diálogo, interação discursiva, discursos construídos por nossas experiências sociais, históricas e ideológicas, visto que

[...] a palavra penetra literalmente em todas relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (BAKHTIN, 1982, p. 41).

O maior desafio do professor de Língua Portuguesa no ensino de leitura e escrita é não somente fazer com que o aluno aprenda regras gramaticais e domine-as, mas principalmente seja capaz de desenvolver sua capacidade de refletir, de forma crítica, sobre o mundo ao seu redor, e ter consciência que a língua é seu instrumento de interação social mais poderoso.

Essa reflexão requer quatro habilidades que precisam ser desenvolvidas dentro de sala de aula com práticas pedagógicas efetivas no combate a concepção que se tem da língua de valorizar a forma de falar e escrever da “norma culta” ou “variedade padrão”, uma prática preocupada apenas com o ensino de conceitos normativos. Habilidades como compreender, analisar, interpretar e produzir textos verbais são competências que os alunos adquirem para agir e atuar sobre o mundo, não apenas para ter conhecimentos.

2.4 Leitura e interdisciplinaridade

O acesso ao aprendizado da leitura apresenta-se como um dos maiores desafios da escola, pois se configura, além de essencial para vida do aluno, uma exigência da sociedade atualmente. Nessa perspectiva, é notório que a escola precisa repensar o ensino da leitura. Ainda é possível escutar dos professores de Língua Portuguesa, a falta de preocupação com a leitura por parte de professores de outras áreas, reduzindo a prática pedagógica ser tarefa única do professor de LP, talvez esteja aí tamanha dificuldade de envolvimento dos discentes nela.

É função do professor rever suas práticas pedagógicas, questionando-se sobre o que é preciso melhorar, pois é ele quem pode apreender as necessidades dos alunos, sendo instrumento essencial na construção do que a educação pode oferecer, modificar ou transformar.

Para muitos alunos, o trabalho com a leitura não faz sentido, muitas disciplinas e conteúdos não estão relacionados com as suas vidas, o que acarreta um certo distanciamento no que faz sentido aprender de forma mais profunda. No entanto, sabemos que para termos alunos que saibam o seu papel no mundo, o que fazer nele, atuando ativamente em sociedade, é necessário que eles se desenvolvam plenamente, com envolvimento nas diferentes disciplinas que fazem parte do seu currículo e as relacionem. Embora, o que encontram não é um ensino preocupado com a totalidade, mas cada área preocupada apenas em repassar seus conteúdos isoladamente.

O que emerge, hoje, é a necessidade da escola de que tudo faça sentido para o aluno, mas apenas com um percurso interdisciplinar, com professores que trabalhem com envolvimento e integração nas áreas é que poderemos vivenciar um processo ensino-aprendizagem que fortaleça o conhecimento científico. Para Fazenda (1994, p. 69), a metodologia interdisciplinar requer:

uma atitude especial ante o conhecimento, que se evidencia no reconhecimento das competências, incompetências, possibilidades e limites da própria disciplina e de seus agentes, no conhecimento e na valorização suficientes das demais disciplinas e dos que a sustentam. Nesse sentido, torna-se fundamental haver indivíduos capacitados para a escolha da melhor forma e sentido da participação e sobretudo no reconhecimento da provisoriedade das posições assumidas, no procedimento de questionar. Tal atitude conduzirá, evidentemente, a criação das expectativas de prosseguimento e abertura a novos enfoques ou aportes. E, para finalizar, a metodologia interdisciplinar parte de uma liberdade científica, alicerça-se no diálogo e na colaboração, funda-se no desejo de inovar, de criar, de ir além e suscita-se na arte de pesquisar, não objetivando apenas a valorização técnico-produtiva ou material, mas sobretudo, possibilitando um acesso humano, no qual desenvolve a capacidade criativa de transformar a concreta realidade mundana e histórica numa aquisição maior de educação em seu sentido lato, humanizante e libertador do próprio sentido de ser no mundo.

Diante disso, a prática do ensino-aprendizagem da interdisciplinaridade privilegia o diálogo entre todas as disciplinas e saberes, uma interação entre língua portuguesa e história, artes e matemática, geografia e ciências, dentre muitos outros processos ilimitados de relações que podem ser construídas.

É necessário definir o trabalho com a leitura como um ato interdisciplinar, sem desconexão e falta de continuidade com os demais conteúdos, através de um diálogo que respeite e promova uma reflexão às reais necessidades vivenciadas pelos nossos alunos.

2.5 Orientações da BNCC para o ensino da leitura

A Base Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo, de 14 de Dezembro de 2018, que se tornou a referência para elaboração dos currículos e propostas pedagógicas no Brasil. A Base assume que o componente de Língua Portuguesa evoca os documentos e orientações curriculares produzidos nos últimos tempos e defende a concepção de linguagem como interação social e discursiva, por muitas vezes veiculando-se diretamente com as teorias do Círculo de Bakhtin, mesmo não citando fontes específicas para esta constatação.

Assim diz o documento (BNCC, 2017, p. 65):

O componente de Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagens ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais, a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica: um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história (BRASIL, 1998, p.20)

Nesse sentido, ao assumir a perspectiva enunciativo-discursivo mostra que o texto é o centro das práticas de linguagem, sendo a leitura uma atividade de prática social e interativa, prática de uso e reflexão. O que se deve priorizar é um ensino pela leitura como eixo primeiro e principal, que incentivem os alunos a lerem mais, que consigam ler e interpretar diversos textos, que escrevem bem e se expressão melhor. Quanto mais os alunos lerem, menos preconceituosos eles serão.

Sobre isso, a BNCC traz para os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, quatro práticas de linguagem, denominadas de eixo: Oralidade, Análise Linguística/Semiótica,

Leitura/Escuta e Produção de Textos. Essas práticas visam proporcionar aos alunos conhecimento de como o mundo está e como eles podem se manifestar através de textos que envolvem diversos elementos que circulam em diversos contextos e mídias.

Ao componente de Língua Portuguesa o documento declara (BNCC, 2017, p. 67):

Cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

O primeiro eixo abordado é o da Leitura. Ele está atento em formar alunos para atuar de forma crítica, preparados para os numerosos usos da linguagem. Encaminha para um uso mais amplo, não somente ao texto escrito, mas também a imagens tácticas, a exemplo de foto, pintura, desenho ou, em movimento, a exemplo dos filmes, vídeos e, aos sons, a exemplo da música. Sendo exemplos para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamentos de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades.

Para além disso, a Base tem um foco nos gêneros digitais, onde se apresentam muitos textos multissemióticos, contemplando a cultura digital e o multiculturalismo. A base questiona a atuação do aluno frente a esses gêneros, pois não basta conhecê-lo, é preciso estar preparado, de forma segura, abrindo mão de diversos recursos, para atuar de forma ética e moral, dentro de ambientes como as redes sociais e a web, aprendendo a lidar com fake news, comentários nas redes sociais, publicações, dentre outras possibilidades de atuação no ambiente digital.

Sobre isso, a BASE sugere (BNCC, 2017, p. 68):

Ser familiarizado e usar não significa necessariamente levar em contas as dimensões ética, estética e política desse uso, nem tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na web. A contrapartida do fato de que todos podem postar quase tudo é que os critérios editoriais e seleção do que é adequado, bom, fidedigno não estão “garantidos” de início. Passamos a depender de curadores ou de uma curadoria própria, que supõe o desenvolvimento de diferentes habilidades.

Nesse sentido, o trabalho que a base sugere vai além de formar sujeitos capazes de interagir de forma efetiva nas diversas situações do cotidiano, mas também nas diversas situações do mundo digital que requerem múltiplas habilidades, tais como: redefinição dos limites dos textos da esfera digital, bem como o excesso de exposição nas redes sociais, pois a liberdade de expressão existe, mas precisa de uma postura diferenciada. Neste caso, é papel da escola encaminhar os alunos para este fim, pois é responsabilidade garantir a postura frente a esta esfera. O mundo digital é o lugar onde o semelhante e o divergente habitam. É o local em que os alunos mais estão presentes, além da escola. O caminho é garantir que o aluno se aproprie desses novos gêneros, pois menos preconceituoso ele será tendo acesso há interações com a diversidade e com o diferente.

No entanto, o documento não esclarece as bases teóricas que fundamentam as questões relacionadas a Leitura em Língua Portuguesa. Dessa forma, faltam amparos para apuramento teórico do professor, para seu planejamento e sua prática. A proposta é organizar o trabalho nos campos de atuação do aluno com a intenção de termos jovens pertencentes a diversas realidades.

Muitos são os desafios para que todas as diretrizes sejam, de fato, consolidadas, no cenário atual das nossas escolas. Formar leitores nunca foi uma tarefa fácil, sempre foi uma tarefa necessária.

3 LEITURA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

3.1 Relações étnico-racial e a lei 10.639/2003

Os movimentos negros, em especial os do século XX e em continuidade no XXI, contribuíram para algumas conquistas que afirmam os direitos do povo negro e a valorização da cultura afro-brasileira. Segundo a lei 10.639 de 2003 é obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira como componente curricular no ensino fundamental e médio.

A retratação depreciativa da pessoa negra na sociedade culmina na exclusão desses povos em espaços de poderes, incluindo em ambientes educacionais. Essa disseminação de práticas racistas e discriminatórias contra o sujeito negro insere conceitos sociais que desprestigiam toda a história e cultura de um povo. Os pré-conceitos estabelecidos, inibem o pleno desenvolvimento das habilidades e potencialidades de crianças e jovens negros e afetam todo um sistema social. Segundo Rocha (2011, p.36):

[...] imagens estereotipadas induz a criança negra a inibir suas potencialidades, limitar suas aspirações profissionais e humanas e bloquear o pleno desenvolvimento de sua identidade racial. Cristaliza-se uma imagem mental padronizada que diminui, exclui, sub-representa e estigmatiza o povo negro, impedindo a valoração positiva da diversidade étnico-racial.

Diante disso, a construção da identidade da criança negra disputa com o sentimento de inferioridade e a leva a uma concepção negativa do ser negro, pois a autoestima também está ligada a valorização de suas referências étnicas. O que a lei 10.639 de 9.1.2003 e sua promulgação representa, de forma difusa, é uma potencialização da reflexão sobre a realidade do racismo e possibilita o reconhecimento e retribuição da cultura afro-brasileira para os brasileiros através do ensino. É, na Educação, que se encontra as causas de tantas gerações excluídas socialmente, mas é nela que se encontra segurança para se lutar contra. De acordo com a lei supracitada, um dos maiores progressos da história da educação no Brasil, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996) o artigo a seguir:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, **torna-se obrigatório** *[grifo nosso]* o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras”.

A lei evidencia a cultura negra na formação da sociedade brasileira. Foi necessário que o Governo decidisse politicamente o compromisso com o currículo frente às relações étnico-raciais. Nesse sentido, há uma necessidade de se pensar em estratégias pedagógicas para se aplicar a lei em todas as séries, desde os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, de forma a intensificar o rompimento do mito de que os povos negros são inferiores naturalmente, uma condição inerente ao ser humano. O Estado

propõe novas diretrizes curriculares para esse estudo como constituinte e formadora da sociedade brasileira, chamados a assumir lugar de honra na história, de sujeitos históricos e responsáveis pelas nossas raízes.

Após 20 anos da promulgação da lei nº 10.639/03, apresentada, hoje, com muitos progressos, não há uma fiscalização da implementação nos currículos internos das escolas. Nesse caso, fica a cargo do professor ou coordenação pedagógica orientar ou não o desenvolvimento desses conteúdos, ficando, muitas vezes, isolados ao Dia da Consciência Negra, no dia 20 de Novembro, ou em outras datas específicas da temática. O que se perde é muito, pois os conteúdos das relações étnico-raciais são interdisciplinares, comuns a diversos livros didáticos, em diversos componentes curriculares. Portanto, sob essa visão, percebe-se que os professores podem atuar de forma efetiva no combate ao preconceito e a discriminação racial no Brasil.

3.2 Diversidade, identidade negra e racismo

3.2.1 Pensando sobre a diversidade étnico-racial na escola

A história da educação no Brasil sempre foi fundamentada em tendências eurocêntricas que contribuíram para a solidificação do preconceito, discriminações raciais, exclusões sociais e construção de barreiras que impediram e ainda impedem muitos brasileiros de gozarem direitos plenos de cidadania. Tais tendências são perceptíveis, além das relações interpessoais, podendo serem identificadas em currículos acadêmicos e em materiais didáticos-pedagógicos que ainda utilizam a figura do negro e do índio como seres inferiores, salientando a suposta supremacia da raça dominante.

Na perspectiva exposta, Gomes (2005, p.53) esclarece: O etnocêntrico acredita que os seus valores e a sua cultura são os melhores, os mais corretos e isso lhe é suficiente. Ele não alimenta necessariamente o desejo de aniquilar e destruir o outro, mas, sim, de evitá-lo ou até mesmo de transformá-lo ou convertê-lo, pois carrega em si a ideia de recusa da diferença e cultiva um sentimento de desconfiança em relação ao outro, visto como diferente, estranho ou até mesmo como um inimigo potencial.

O pensamento descrito foi enraizado em segmentos da sociedade, especialmente nas instituições escolares, desde os tempos mais remotos, resultando em inúmeras lutas de movimentos negros que levantaram a bandeira da justiça e de reparações, cobrando ações afirmativas. Uma das vitórias conquistadas pelos movimentos foi a Lei nº 10.639/2003.

Estudos de Cunha Jr (2009) promulgam que o racismo brasileiro não se restringe apenas a um problema de classe social clássico, da relação entre possuidores de capitais e despossuídos. Ele se executa de forma e aparência silenciosa, sem as sistemáticas explicitadas de outros países com rígidos padrões raciais. É concreto nas situações históricas impostas aos africanos e aos seus descendentes, fazendo parte de uma constante imposição de dominação econômica, cultural, social e política.

Em sua tese de doutoramento, Ramos-Lopes (2010, p.14) comenta:

as práticas racistas se estendem ao universo escolar, espaço no qual ainda se propaga uma versão alienada do escravismo. Esse é discutido em muitas práticas docentes como um fato natural, sem apresentar nenhum indício de condenação ética e moral.

A esse respeito, Cunha Jr. (2006) evidencia que muitas posições construídas na escola atribuem a população africana a predestinação do escravismo por, supostamente, ser intelectualmente inferior ou culturalmente menos evoluída. Fato que contribui para a instituição escolar introduzir de forma negativa discursos que produzem sentidos em torno da discussão étnico-racial.

A escola ainda repete outras experiências que os discentes já tiveram fora dela, onde conviveram ou convivem com formas varia variadas de como desqualificar socialmente a figura dos negros. O racismo é um problema social que se aprende na rua e na escola.

Discutir sobre práticas racistas no ambiente escolar, torna-se, muitas vezes, complexo. Muitos docentes sentem-se constrangidos sem saber como direcionar a discussão. Tal constrangimento pode estar relacionado ao fato de muitos cursos de licenciatura, não manterem um currículo acadêmico que contemple a discussão. Além disso, nossa sensibilidade docente e humana, muitas vezes, não atenta para o fato de que essa é uma problemática social que vem perpassando os séculos e que precisa circular na escola, na perspectiva de desmistificação.

Cavalleiro (2001); Munanga e Gomes (2006); Guimarães (2004 e 2008), ao buscarem compreender a dinâmica das relações plurirraciais e multirraciais na educação, revelam a existência de muitos conflitos nas relações cotidianas e por esse motivo asseveram que é necessário um enfrentamento contra as práticas discriminatórias que surgem nos ambientes sociais, o qual desperte a consciência e possibilite o empoderamento da população negra.

3. 2.2 Ancestralidade e identidade negra

O Brasil é um país pluriétnico. Erguido pelo portugueses, povos indígenas e por negros de origem africana, tornou-se rico em diversidade cultural. O País distingue-se por ser uma das maiores nações multirraciais do mundo, uma sociedade marcada por um passado escravista e colonial, na qual persistem históricas desigualdades raciais e sociais.

A história do negro é de subjugação. É extremamente compreensível que a construção da identidade seja um grande desafio para o povo negro no Brasil, pois enquanto se luta para sair do lugar em foram colocados, há uma sociedade cuja cultura ainda o exclui. O reconhecimento da sua história, ancestralidade, é indispensável para a construção da identidade negra, pois:

A consciência histórica, pelo sentido de coesão que ele cria, constitui um relação de segurança a mais certa a mais sólida para o povo. É a razão pela qual cada povo fa esforço para conhecer sua verdadeira história e trasmití-la as futuras gerações. Também é a razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica era uma das estratégias utilizadas pela escravidão e pela colonização para destruir a memória coletiva dos escravizados e colonizada. (MUNANGA, 1988, P.12).

A educação de exclusão representa uma violência que está tão intrínseca, que muitos

brasileiros não se reconhecem negros. Compreender o entendimento da nossa identidade é ter consciência da nossa ancestralidade para sabermos quem somos e para onde estamos indo. A ancestralidade negra, hoje, tem sido dimensionada novamente, posicionada no campo curricular com a problematização da relação entre currículo e cultura, pois o que se perdurou até então, são conteúdos que contribuem para uma visão negativa e desfavorece a construção da identidade negra.

Segundo Munanga (1988, p.14), comenta

De que identidade se trata? Dessa identidade mítico-religiosa conservadas nos terreiros religiosos? Da identidade do grupo oprimido que vacila entre a consciência de classe e a de raça? Ou da identidade política de uma “raça” afastada de sua participação política na sociedade que ajudou a construir? Esta última, ainda em formação, que caracteriza a tomada de consciência da jovem elite negra politicamente mobilizada, me parece a mais problemática de todas. Nela se misturam os critérios ideológicos, culturais e raciais. Nesse caso, a situação do mestiço fica mais crítica ainda pela ambivalência racial e cultural da qual ele participa, e sua opção fica geralmente baseada em critérios ideológicos. Também nem todos que participam desse processo vivem plenamente os valores culturais negros. Mas, por causa da discriminação racial da qual todos são vítimas, quase todos se referem retoricamente aos valores culturais negros ou tentam recuperá-los, pelo menos simbolicamente, como mostra o discurso da negritude.

O processo de construção da identidade abarca gênero, raça, sexo, religião, entre outros, que nos orientam socialmente enquanto sujeito. É um processo social de arremate de valores que trazem efeitos de superioridade e inferioridade. Dentro desse processo de construção, o ponto racial para o negro tem reforçado a inferioridade e vinculado a reprodução de repulsa até os de hoje. Uma luta constante do racismo em prol do enfraquecimento das culturas e identidades negra e dos seus descendentes visando uma ruptura com as suas origens.

Munanga (1986, p. 23) ainda diz “é através da educação que a herança social de um povo é legada as gerações futuras e inscritas na história.” A educação para as relações étnico-raciais é a intervenção necessária, uma vez que estamos dentro de um universo multicultural, negar essa diversidade é não legitimar, é não progredir para a construção de uma sociedade igualitária. Todas as manifestações históricas, sociais, culturais devem ser autenticadas, buscando sempre distanciar a sociedade da hierarquização das denominadas raças superiores e inferiores. A escola é um importante espaço no qual se desenvolve esse sobrecarregado processo, vista como uma instituição em que o negro é constatemente recordado de maneira negativa.

Dos múltiplos olhares que a implantação da Lei 10.639/2003 trouxe para o campo educacional, um deve ser a introdução no campo da formação de professores. Os docentes entendem que aplicar a lei é adicionar conteúdos que se apresentam nas datas comemorativas, que envolvem as questões da época da escravidão e conscientização negra. No entanto, isso já era pressuposto. A necessidade da contemporaneidade é que os profissionais da educação estejam preparados para valorizar a produção cultural negra. É o momento de ressignificar a história, pois muitos a querem apagar e até mesmo não se fazem pertencentes a ela.

3.2.3 Discutindo racismo, preconceito e discriminação

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua imagem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.
Nelson Mandela.

A Constituição Federal de 1988 apresenta a igualdade como um dos primeiros direitos que deve ser assegurado. “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza (BRASIL, 2014). É um direito essencial o tratamento igualitário a todos os brasileiros. No entanto, no Brasil, ainda é necessária uma ampla discussão sobre o racismo no País em que a maioria dos habitantes são negros e afrodescendentes, uma população multirracial e pluri-étnica presa as amarras do passado e marcada por progressos e retrocessos sobre a questão do ser negro e que experimentam o preconceito e a discriminação todos os dias. Não há como negar, frente aos inúmeros casos e questões já discutidas, que o Brasil está longe de resolver esse problema, muitos são os casos de racismo, preconceito e discriminação racial. Como relata Ribeiro (2019, p.5):

O primeiro ponto a entender é que para falar de racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema beneficiando economicamente por toda história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas.

A análise histórica vai mostrar que, para os escravizados, muitos direitos deixaram de existir, a exemplo da educação. As raízes do racismo são tão fortes e profundas que se sustentaram por décadas, trazendo inúmeras consequências morais, materiais e psicológicas graves. O que se justificava era que uns detinham o poder perante os outros, totalmente apoiado e difundido pela ciência e diversos pesquisadores afirmam que o racismo está presente até hoje, de forma individual, institucional e cultural. Como afirma Almeida (2018, p.25)

Racismo é uma forma sistêmica de discriminação que tem a raça como fundamento, o que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

O racismo se trata de práticas coletivas que se baseiam na ideologia da existência de superioridade de uma raça em detrimento à outra. O racismo institucional refere-se ao comportamento contrário à moral, à religião, à justiça, à igualdade, de instituições na prestação de serviços a determinadas pessoas, ou seja, discriminação, por motivo das características físicas, cultural ou de origem. O racismo individual constitui-se de práticas individuais ou públicas, práticas consideradas desrepeitosas que desvalorizam uma pessoa ou grupos apoiando-se em sua raça. O racismo Cultural está relacionada a convicção de que uma cultura é superior a outra.

O racismo, preconceito e discriminação são condições que, por muitas vezes, estão

ligadas, mesmo assim, precisam ser diferenciadas. Segundo Almeida (2018, p.25)

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos, ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos.

O preconceito é um juízo de valor pré-estabelecido de um indivíduo, grupo ou povo sem nenhuma alegação real. Esse juízo interfere diretamente nas relações interpessoais de forma impiedosa.

Sobre a discriminação Almeida explica (2018, p.25) que

A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade afetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça.

A discriminação é qualquer fala ou comportamento de exclusão ou preferência por determinada raça. Mesmo sendo crime no Brasil, ainda há diversos casos que cotidianamente são veiculados nas redes sociais, noticiados na televisão. Muitas vezes, os atos discriminatórios não passam de comportamentos equivocados, situações mal interpretadas. Em consequência disso, acaba acentuando a dominância do racismo e diminuindo as lutas sociais de quem vivencia o preconceito e a discriminação todos os dias.

Almeida (2018, p.25) ainda acrescenta sobre os tipos de discriminação, sendo direta e indireta

A discriminação direta é o repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial, exemplo em que ocorre em países que proíbem a entrada de negros, judeus mulçumanos, pessoas de origem árabe ou persa, ou ainda lojas que se recusam a atender clientes de determinada raça

A discriminação indireta é o processo em que a situação específica de grupos minoritários é ignorada – discriminação, de fato -, ou sobre a qual, são impostas regras de “neutralidade racial”.

Os efeitos do preconceito e discriminação racial no desenvolvimento escolar do aluno é assustador, pois prejudica a sua aprendizagem e posteriormente a sua vida social. Tornam-se alunos agressivos, que não conseguem acompanhar a sua série, com dificuldades de aprendizagem, baixa autoestima, medo de se pronunciar. Isso acelera cada vez mais o processo de necessidade de branquitude, a criança nega a sua cor, pois quer ser aceito.

A escola favorece para o crescimento do racismo dentro de seus muros quando não dá importância para situações tidas como sem importância. A grande questão é que nossos educadores não estão preparados para discutir frente a classe as questões étnico-raciais. No entanto, precisam ser alertados frente as atitudes e omissões que possam estar sendo favoráveis para a manutenção das desigualdades que envolvem o racismo na escola.

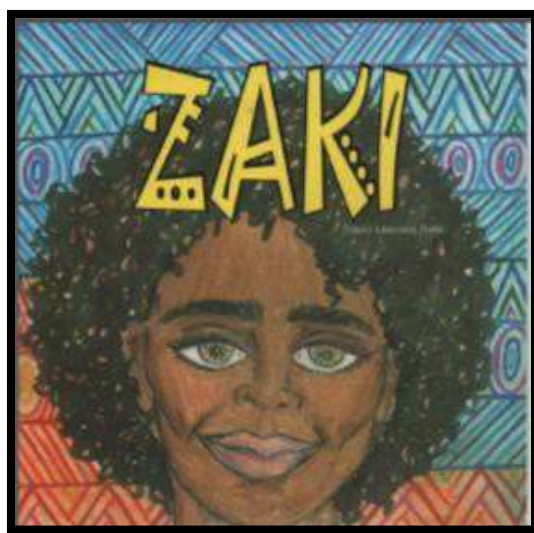
4 ALGUMAS ANÁLISES

Nesta seção, a partir de uma metodologia qualitativa-interpretativista (MOITA-LOPES, 1996), em seu caráter intervencionista (THIOLLENT, 2008), apresentamos algumas das possibilidades de leitura, da Obra Zaki, em que práticas de linguagem, preconceituosas e discriminatórias, produzem múltiplos sentidos e serem ressignificados em salas de aulas da educação básica, contribuindo para o aumento da auto estima de crianças negras.

4.1 Oficina: O negro representado no conto Zaki

Situando a obra

FIGURA 1: Capa do livro ZAKI



O livro foi publicado no ano de 2017. Escrito por Flávio Marcelo Pinto e ilustrado pelo próprio autor. A obra apresentada tem inspiração nas oficinas e vivências realizadas no âmbito do Movimento por uma infância sem racismo, iniciado em 2015, no município de Beberibe, CE, que objetiva contribuir com a valorização do patrimônio histórico e cultural dos afrodescendentes, na reeducação das relações étnico-raciais e na inclusão de novos saberes no currículo escolar, por meio da literatura e de outras linguagens artísticas (LIMA, 2015).

A obra, em seus muitos discursos, aborda a beleza da estética negra, desconstruindo o padrão dos cabelos lisos, como já é possível observar na capa do livro. A valorização da cultura negra é um assunto que deve ser destacado em sala de aula a fim de desconstruir preconceitos e discriminação. Nesse caso, a capa do livro nos deixa claro que a obra é sobre o negro, isso é percebido diante dos muitos elementos apresentados. O título da obra, que faz referência ao nome da personagem, coloca-o em um lugar de honra. Representa nossas raízes étnica de forma destacável, com traços de negritude realçados na cor, cabelos, traços do rosto.

O livro traz Zaki, uma personagem que fez parte da vida do autor na infância e, uma história real. O centro dos discursos é voltado para as questões raciais, discutindo a importância do respeito às diferenças, o pensar no negro como ser que merece ser respeitado. Pode-se observar através das imagens a valorização da cultura negra, bem como suas representações.

A obra em discussão foi desmembrada em duas oficinas, intituladas de: O negro representado no conto “Zaki e Zaki, uma obra para cantar a diversidade. Segue-se algumas das possibilidades de leitura

construídas.

4.1.1 Apresentação da personagem

FIGURA 2: Trecho do livro ZAKI



Pode-se observar na primeira parte do texto que a personagem se apresenta como negro, como um menino outro qualquer. Faz referência à sua educação, como um garoto que gosta de ir à escola e estudar. Assim como um menino negro, dá ênfase ao significado de seu nome, coração puro.

Na escola é comum que o aluno negro perca seu principal elemento de identidade: o nome (CUNHA JR. 2006). No geral, são tratados por aquele menino negro ou aquela menina negra. Isso, quando respeitosamente. Em outras circunstâncias por apelidos que produzem sentidos negativos, na vida de quem os recebe.

4.1.2 Processos de identificação

FIGURA 3: Trecho do livro ZAKI

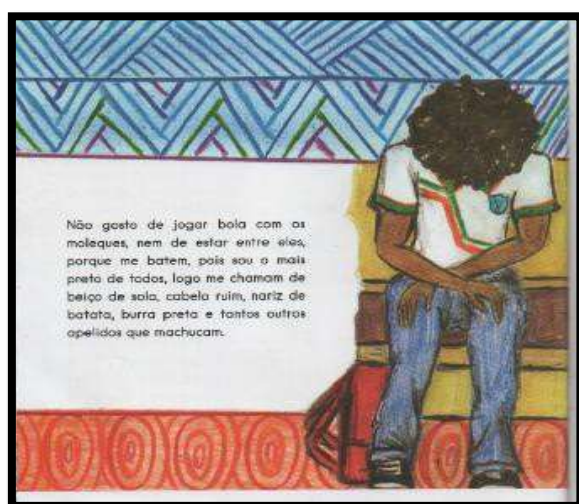


A personagem faz uma reflexão de si e do outro e se posiciona de forma efetiva sobre seus gostos e interesses. Disserta sobre a valorização da estética negra quando destaca seus processos de identificação. Zaki tem interesse em cultivar amizades com meninas, além de gostar dos cabelos crespos delas e a forma como elas os arrumam. Além disso, Zaki disserta sobre a questão de não seguir os padrões estéticos pré-estabelecidos pela sociedade.

Compreendemos, a partir de Orlandi (2007) que as marcas de subjetivação, o traço da relação da língua com a exterioridade produz uma arena de conflitos em que as relações entre sujeitos se dão em uma arena de conflitos marcada pela relação língua, pela história e pelos sentidos.

4.1.3 Prática racista

FIGURA 4: Trecho do livro ZAKI



Essa passagem da história expõe práticas racistas e reflete o quanto isso afeta a personagem. Nesse trecho é explícita a falta de empatia pelo menino e escancara o quanto a discriminação racial exclui e tortura quem a sofre. Diante dessa abordagem, podemos inferir que a escola deve explorar referências positivas sobre os traços da negritude e refletir sobre as diferenças e igualdades entre as pessoas.

Retomamos a posição de Cunha Jr. (2006) quando destaca que muitas posições construídas na escola atribuem a população africana a predestinação do escravismo por, supostamente, ser intelectualmente inferior ou culturalmente menos evoluída. Torna-se necessário que por meio das práticas de linguagem e das múltiplas interações, a escola introduza de forma positiva a discussão étnico-racial em âmbito educacional.

4.1.4 Reconhecimento da identidade negra

FIGURA 5: Trecho do livro ZAKI

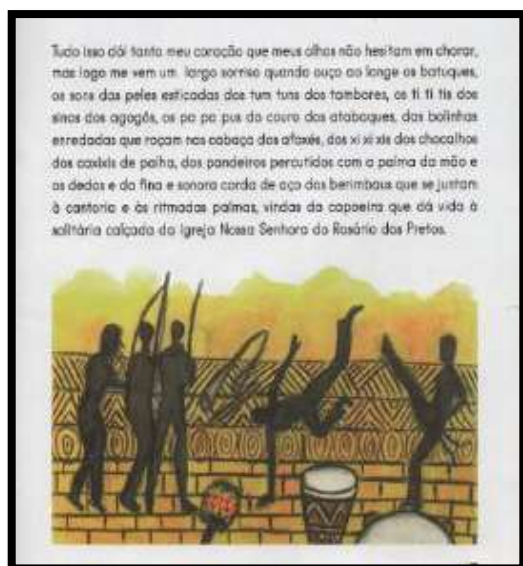


FIGURA 6: Trecho do livro ZAKI



Nessas duas figuras acima, aspectos da cultura afro é destacada, como a capoeira, a dança, a religiosidade. Zaki é um garoto que se reconhece e encontra na sua cultura formas de superar preconceitos por causa de sua cor. O discurso, nesse momento, viabiliza uma reflexão do negro e seu povo, nosso povo, nós, um povo com cultura, com diferenças, religiosidade, hábitos, como qualquer outro.

4.1.5 Identidade negra e autoestima

FIGURA 7: Trecho do livro ZAKI



Ao final, Zaki reconhece seus traços e diz gostar de quem é. Esse discurso foge dos padrões pré-estabelecidos. Discute que a criança negra precisa, inicialmente, gostar do que vê, reconhecer-se e ocupar o seu lugar na sociedade e que seja um lugar de destaque. Tudo isso contribui para a construção positiva da criança negra dentro de sala de aulas.

No entanto, ladeados pelo etnocentrismo, os colegas agiam com Zaki de forma negativa, pois suas ações defendiam seus valores e a sua cultura como os melhores, os mais corretos e isso lhes era suficiente. Eles não alimentavam o desejo de aniquilar Zaki, mas sim, de evitá-lo ou até mesmo de transformá-lo ou convertê-lo, pois agiam por meio da recusa da diferença e cultivavam um sentimento de desconfiança em relação ao outro, visto como diferente, estranho ou até mesmo como um inimigo potencial. (GOMES, 1995).

4.2 Oficina: Leiza, padrão de beleza e racismo

Situando a obra

FIGURA 8: Capa do livro Leiza um conto de cabelos



O livro foi publicado no ano de 2017. Escrito por Renato Leonardo da Silva e ilustrado por Elizana Lima. A obra apresentada tem inspiração nas oficinas e vivências realizadas no âmbito do Movimento por uma infância sem racismo, iniciado em 2015, no município de Beberibe, CE, que objetiva contribuir com a valorização do patrimônio histórico e cultural dos afrodescendentes, na reeducação das relações étnico-raciais e na inclusão de novos saberes no currículo escolar, por meio da literatura e de outras linguagens artísticas (LIMA, 2015).

O título da obra faz referência ao principal discurso a ser abordado, o padrão de beleza e racismo, tendo os cabelos como centro da discussão. O livro traz Leiza, uma personagem inspirada em Clarissa, uma pequena de cachos longos e, a sua mãe Camila Oliveira. O livro traz uma história real de muitas crianças, principalmente as meninas, abordando a estética negra, desconstruindo o padrão dos cabelos lisos e loiros.

O ponto central dos discursos desta história que parte de dentro dos muros da escola, é a importância da inserção de discursos e vivências que valorizem a cultura negra a fim de desconstruir preconceitos e discriminação. Pode-se observar, através dos textos e imagens, que o pensar no negro como ser que merece ser respeitado, é criar o envolvimento do negro com a sua cultura negra, ocupando um lugar de honra.

A obra em discussão foi desmembrada em duas oficinas, intituladas de: Leiza, padrão de beleza e racismo e Leiza, um conto de cabelos...? Segue-se algumas das possibilidades de leitura construídas.

4.2.1 Apresentação da personagem

FIGURA 9: Trecho do livro Leiza um conto de cabelos



A princípio, Leiza já é apresentada como neta de negros, que vieram da África. Os avós foram os responsáveis pelo seu nome “Leiza”, que significa consagrado a Deus, já se percebe que a religiosidade, a valorização da cultura negra e o respeito a descendência. No entanto, a personagem tem preferência por brincar com as suas bonecas brancas e assistir a programas de televisão para ver as garotas de cabelos lisos pela qual é apaixonada.

As crianças não possuem brinquedos representativos e, acima de tudo, recebem poucos afagos e elogios Cavalleiro (2000). Leiza não se identifica com os seus próprios cabelos, pois ela os encontra no seu dia a dia, nos seus desenhos animados, brinquedos. Nesse sentido, é muito difícil a criança construir uma identidade positiva do ser negro.

4.2.2 Processos de indentificação

FIGURA 10: Trecho do livro Leiza um conto de cabelos



É libertador quando o processo de identidade é construído de forma positiva na vida pessoal e escolar da criança negra, mesmo com tantos exemplos que diminuem a cultura negra. A criança precisa estar num vínculo que fortaleça esse processo. O que não é o caso de Lieza, a própria família não propicia isso, é ela quem apresenta, por diversas vezes, a inferioridade da própria raça. Segundo Orlandi (2001), “a ideologia se caracteriza pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história.” O que se sugere é uma caracterização negativa do negro é o centro de uma hierarquia dominante presente tanto no contexto escolar como no familiar.

4.2.3 Prática racista

FIGURA 11: Trecho do livro Leiza um conto de cabelos



Gomes (2003) diz que as crianças não sabem se defender de práticas racistas, dos xingamentos preconceituosos. As situações que elas vivem na escola seja envolvendo a cor, cabelo, os seus traços afros ficam guardados e causam muitos sofrimentos. Consequentemente, há a não aceitação de sua cor e o reforço do branquitude. O que aconteceu com a Leiza foi exatamente isso, depois de uma prática racista, ela sentiu necessidade de pertencer ao grupo dominante.

4.2.4 Reconhecimento da identidade negra

FIGURA 12: Trecho do livro Leiza um conto de cabelos

FIGURA 13: Trecho do livro Leiza um conto de cabelos



A construção da identidade é um processo social de arremate de valores que trazem efeitos de superioridade e inferioridade. Dentro desse processo de construção, o ponto racial para o negro tem reforçado a inferioridade e vinculado a reprodução de repulsa até os de hoje. Munanga (1986) diz que “é através da educação que a herança social é de um povo é legada as gerações futuras e inscritas na história. A identidade vai se sustenta de memórias, lembranças. O que a família da personagem fez foi apresentar o mundo da cultura negra, apresentando os valores que foram negados e, a partir daí criar uma consciência racial.

4.2.5 Identidade negra e autoestima

FIGURA 14: Trecho do livro Leiza um conto de cabelos



A autoestima é um dos aspectos importantes para a construção da personalidade, identidade da criança. Em se tratando da criança negra o não desenvolvimento pode acarretar problemas que frustrará sua relação com a sociedade. Leiza teve a oportunidade de ter em seu seio familiar, uma mãe que se preocupou com a imagem que ela tinha de si, sentindo-se inferior às outras pessoas. Após o reconhecimento de sua identidade, a personagem reconheceu seus valores, bem como a aceitação de suas características negras.

4.3 Oficina V: Refazendo o meu próprio caminho

Situando a obra

FIGURA 15: Capa do livro REFAZENDO O CAMINHO um reencontro com a nossa história



O livro foi publicado no ano de 2017. Escrito por Soraia Colaço e ilustrado por Heleno Araújo. A obra apresentada tem inspiração nas oficinas e vivências realizadas no âmbito do Movimento por uma infância sem racismo, iniciado em 2015, no município de Beberibe, CE, que objetiva contribuir com a valorização do patrimônio histórico e cultural dos afrodescendentes, na reeducação das relações étnico-raciais e na inclusão de novos saberes no currículo escolar, por meio da literatura e de outras linguagens artísticas (LIMA, 2015).

A obra, além de seus muitos discursos sobre o enfrentamento ao racismo e valorização da cultura negra, destaca o reconhecimento da ancestralidade, o processo de reencontro com as origens. Nesse caso, a capa do livro nos deixa claro que a obra é sobre o negro, isso é percebido diante dos muitos elementos apresentados, mas o título da obra é que faz referência a temática principal do texto, o reencontro, o reconhecimento da ancestralidade, das raízes, origem.

Bárbara é uma personagem que tem amparo na vida da autora, onde ela destaca que sempre teve proximidade com seus ancestrais, por meio de referências a tudo que faz menção a história na vida de sua família. O centro dos discursos é voltado para as questões da ancestralidade, onde os nossos conhecimentos, desde o princípio da colonização brasileira, não foram respeitados. Discute a importância da preservação da nossa história. Pode-se observar através das imagens a valorização da cultura negra, como destaque a religiosidade.

A obra em discussão foi desmembrada em duas oficinas, intituladas de: Refazendo o meu próprio

caminho e Árvore Genealógica. Segue-se algumas das possibilidades de leitura construídas.

4.2.1 Apresentação da personagem

FIGURA 16: Imagem do livro REFAZENDO O CAMINHO um reencontro com a nossa história



A personagem do conto é Bárbara, nome forte que significa estrangeira, foi escolhido por sua avó, uma personagem muito importante na construção da identidade de Bárbara. O nome também foi escolhido por causa da devoção de sua avó por Santa Bárbara. Na apresentação de Bárbara, já é nítida a religiosidade presente na vida da personagem e de seus ancestrais, gosta de música e dança, onde se liberta e se encontra com as suas raízes. Percebemos que se apresenta uma certa consciência de cultura e origem, mesmo que de forma incosciente ou indireta.

4.2.2 Procesos de indentificação

FIGURA 17: Trecho do livro REFAZENDO O CAMINHO um reencontro com a nossa história

FIGURA 18: Trecho do livro REFAZENDO O CAMINHO um reencontro com a nossa história



A personagem foi despertada por algo que conhecia em seu íntimo. Em um processo de identificação, ela percebeu que tudo estava ligado sua ancestralidade, mas agora de forma mais clara, como se as coisas estivessem se completando.

4.2.3 Prática racista

FIGURA 19: Trecho do livro REFAZENDO O CAMINHO um reencontro com a nossa história

FIGURA 20: Imagem do livro REFAZENDO O CAMINHO um reencontro com a nossa história



A primeira vez que Bárbara teve acesso a algo que simbolizava uma reflexão do racismo e discriminação foi na adolescência com sua avó através de um livro intitulado “Deus Negro”. Ela diz que a obra a impactou de alguma forma, mesmo não sendo um enfrentamento real ao racismo.

4.2.4 Reconhecimento da identidade negra

FIGURA 21: Trecho do livro REFAZENDO O CAMINHO um reencontro com a nossa história



Esse recorte da história é um dos mais importantes, pois apresenta a busca pela nossa ancestralidade. A avó de Bárbara em algum momento de sua vida sentiu essa necessidade, mesmo ficando apreensiva, buscou se conectar com as suas origens.

4.2.5 Identidade negra e autoestima

FIGURA 22: Trecho do livro REFAZENDO O CAMINHO um reencontro com a nossa história

FIGURA 23: Imagem do livro REFAZENDO O CAMINHO um reencontro com a nossa história



Para Bárbara, depois de tantas descobertas tudo fazia sentido. A personagem era uma jovem que não se reconhecia enquanto ser negro. Uma descoberta que a trouxe paz, saber dos seus ancestrais, a

importância da preservação de suas memórias e, que agora ela tinha uma missão importante que era de travar uma batalha incansável no combate ao racismo e discriminação e à todas as violências cometidas aos afrodescendente. Essa passagem é muito forte e um sonho do povo que experimenta essa situações cotidianamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha história, agora, fazia sentido, não me encontrava mais só, nunca mais eu estaria só. Nessa grande roda estávamos todos, inclusive os que partiram. O culto aos ancestrais, no contexto africano, é de uma importância vital, de preservação da memória histórica, na qual não há a cisão entre mortos e vivos, mas uma convivência privilegiada entre ambos.

Refazendo o caminho Um reencontro com a nossa história, de Soraia Colaço

A pesquisa realizada se propôs por meio das múltiplas possibilidades de leitura a ressignificar práticas de linguagem preconceituosas e discriminatórias que circulam na escola com alunos negros. Para esse empreendimento, a materialidade linguística analisada, em caráter exploratório, apresenta recortes das obras literárias do Projeto Circo Multicor, que tratam a temática da população negra que passa por isolamento e dores em seu espaço escolar, por não ser aceito pelos colegas em decorrência de seu pertencimento étnico-racial.

As obras Zaki, de Marcelo Pinto, Leiza, de Renato Leonardo e Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história, de Soraia Colaço produzem variados efeitos de sentidos apresentando imagens de crianças que em meio às práticas racistas, a dor, a desvalorização, não nega seu pertencimento, mesmo sofrendo, passam a ser donos de uma acentuada autoestima, além de evidenciar a beleza da cultura africana, destacando-as.

Consideramos relevante o docente atentar ao fato de discutir as dores causadas pelo racismo e questionar se é comum a pessoa ser excluída e mesmo assim ter ou conquistar uma autoestima tão elevada quanto a dos personagens apresentados. A autoestima é aspecto importante no processo de construção da identidade do ser humano. O não desenvolvimento dela acarreta inúmeros problemas iniciados na infância que se leva até a vida adulta. Além disso, oportunizar espaços interacionais em que os alunos reflitam sobre os efeitos negativos que se pode causar na vida de uma pessoa que não é aceita, não é valorizada.

A escola não pode fechar os olhos, silenciar, no tocante às ações que acontecem cotidianamente no espaço escolar desqualificando socialmente a figura dos negros. O racismo é um problema social que se aprende na família, na rua e na escola, um tema que precisa ser desenvolvido, discutido, enfrentado por todos. Mesmo assim, é função da escola, também e, principalmente, atuar no processo de formação de alunos negros e negras, considerando os efeitos psicológicos da violência sofrida por eles, além da autonegação de si, sua cor, estética, cultura, origem.

A lei 10.639/2003 precisa de fato ser implantada no dia a dia escolar. Entendemos que as práticas de leitura, por meio de obras literárias que empoderem a imagem do negro, são uma opção positiva para ressignificar a imagem negativa do negro que circula em nossa sociedade.

Diante disso, entendemos que o espaço escolar é acertado para uma boa formação pelas relações étnico-raciais, na construção da identidade da criança negra, no desenvolvimento de sua autoestima, pois o espaço escolar não pode mais colaborar com a manutenção do preconceito. É necessário que toda a comunidade escolar se aprimore no desenvolvimento de um trabalho que contribua na eliminação gradativa de comportamentos de racismo, preconceito racial e discriminação racial dentro e fora dos muros da escola. Um trabalho que valorize a história e cultura africana e afro-brasileira são iniciativas essenciais na busca pela retratação positiva do ser negro, principalmente na batalha em combate do racismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL / Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino fundamental**. MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro_01.

BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 17 jan. 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 23 mar. 2018.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Discriminação racial e pluralismo nas escolas públicas da cidade de São Paulo**. In: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação–Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005_

COLAÇO, Soraia. **Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

CUNHA JR. Henrique. **Os negros não se deixaram escravizar**: temas para as aulas de história dos afrodescendentes. Ano VI. 2006. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br>. Acesso em 10.10.2021.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial**: modos, temas e tempos. São Paulo: Cortes, 2008.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito e discriminação**: queixas de ofensas e tratamento desigual de negros no Brasil. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo. Ed. 34, 2004

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Série Educação em Ação. São Paulo: Ática, 19

LEFFA, Vilson Jota. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística.**, 1996. Sagra: DC Luzzatto, Porto Alegre, 1996.

SILVA, Renato Leonardo. **Leiza um conto de cabelos.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

LIMA, L. H. **O Circo Multicor.** 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e editora, 2015. v. 2000. 16 p.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: MEC, 2005.

MUNANGA, Kabelengue & GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006

ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso, imaginário, social e acontecimento.** Em Aberto. Brasília, 14, n. 61, pp. 52-59, jan./mar., 1994.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. **Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo.** São Paulo: Cortez, 1989

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. 317 p. Edição original: 1975.

PINTO, Flávio Marcelo. **Zaki.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

RAMOS-LOPES, Francisca Maria de Souza. A constituição discursiva de identidades étnico-raciais de docentes negros/as: silenciamentos, batalhas travadas e histórias (re) significadas. 2010. 321 f. **Tese** (Doutorado em Estudos da Linguagem) Departamento de Letras, UFRN, Natal, 2010.

ROCHA, L.C.P. **Política Educacional e a Lei 10.639/03: uma reflexão sobre a necessidade de superação de mecanismos ideológicos legitimadores do quando de desigualdades raciais e sócias na sociedade brasileira.** In: Costa, Hilton; Silva, Paulo Vinicius Baptista (Orgs.). Notas de história e cultura afro-

brasileira. Editora UEPG, Ponta Grossa, 2011.

APÊNDICE – Caderno Pedagógico

LEIDIANE MONTEIRO FERREIRA
PROFESSORA DRA. FRANCISCA MARIA DE SOUZA RAMOS LOPES



“Práticas leitoras: uma proposta de superação ao racismo na escola.”



CADERNO PEDAGÓGICO

ASSU, RN, 2022



Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.

Kabengele Munanga

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, amigos, colegas do Mestrado Profissional PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Assu, e em especial a minha orientadora Professora Dra. Francisca Maria de Souza Ramos Lopes, o meu muito obrigada!

APRESENTAÇÃO

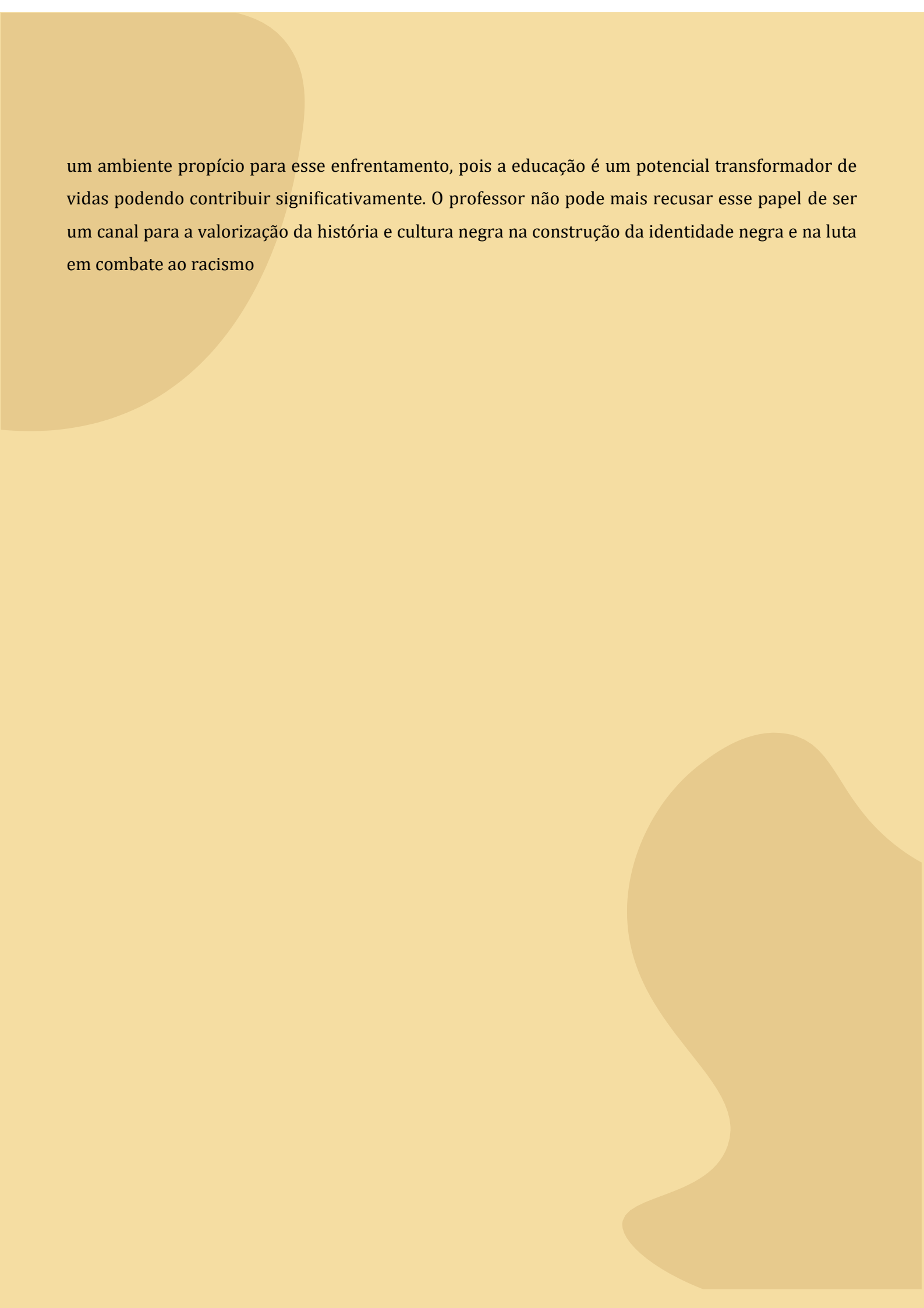
“Ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta.”

Trecho do artigo “Ser negro no Brasil hoje, publicado pelo geógrafo Milton Santos, na Folha de S. Paulo, em 2000.

Este caderno pedagógico intitulado de **“Práticas Leitoras: uma proposta de superação ao racismo na escola”** é resultado de uma pesquisa do Mestrado Profissional – PROFLETRAS, PELA Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, campus Assu. A pesquisa tem como objeto de estudo os “recortes das obras literárias do Projeto Beberibe Multicor: por uma infância sem racismo”, que nos mostra que é possível trilhar caminhos que seja possível que a temática das relações étnicorraciais circule dentro das salas de aula de forma efetiva por meio de práticas pedagógicas, como objetivo geral tem a discussão de práticas de linguagem que respeitam e valorizam a diversidade, identidade e autoestima dos alunos negros a partir da leitura e outros objetivos, como: refletir sobre a ancestralidade na perspectiva de combater o racismo estrutural, institucional e cotidiano, dimensões que afetam as crianças desde a infância e analisar práticas de leitura que contribuam para o empoderamento dos alunos negros e negras.

O caderno está composto de seis oficinas com inspiração nas obras literárias do Projeto Beberibe Multicor: O negro representado no conto “Zaki” e Zaki, uma obra para cantar a diversidade, inspiradas na obra Zaki, de Flávio Marcelo Pinto. Leiza, padrão de beleza e racismo e Leiza, um conto de cabelo...?, inspiradas na obra Leiza, de Renato Leonardo e as duas últimas oficinas inspiradas na obra Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história, Refazendo o meu próprio caminho e Árvore genealógica.

Todas as oficinas são práticas de leituras que enfrentam o racismo na escola, servindo de ferramentas capazes de auxiliar, de forma mínima, o grave quadro das desigualdades raciais na nossa sociedade. A proposta apresentada nesse trabalho não são capazes, sozinhas, de reparar essas desigualdades, mas ao articular a educação e as temáticas étnicorraciais percebemos que a escola é



um ambiente propício para esse enfrentamento, pois a educação é um potencial transformador de vidas podendo contribuir significativamente. O professor não pode mais recusar esse papel de ser um canal para a valorização da história e cultura negra na construção da identidade negra e na luta em combate ao racismo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
OFICINA I: O NEGRO REPRESENTADO NO CONTO “ZAKI”	7
OFICINA II: ZAKI, UMA OBRA PARA CANTAR A DIVERSIDADE.....	21
OFICINA III: LEIZA, PADRÃO DE BELEZA E RACISMO.....	29
OFICINA IV: LEIZA, UM CONTO DE CABELOS...?.....	37
OFICINA V: REFAZENDO O MEU PRÓPRIO CAMINHO.....	48
OFICINA VI: ÁRVORE GENEALÓGICA.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	66

OFICINA I

O negro representado no Conto "Zaki"



SITUANDO

A escola é um espaço social que abarca, de forma incisiva, a violência de racismo, preconceito e discriminação racial contra criança e adolescentes negros e negras cotidianamente. Visando isso, a Lei 10.639/2003 que normatiza o ensino obrigatório de história e cultura africana e afro-brasileiras nas salas de aula de todo território nacional é um caminho para combater o racismo presente e nas práticas pedagógicas.

A sala de aula é um dos principais espaço de construção de opiniões, reflexões, discussões através da interação e relações. Nesse sentido, é lá que podemos ressignificar a imagem do negro, que foram tão importantes para a construção do Brasil, do mundo, propiciando que alunos negros e negras se reconheçam e se gere respeito às diferenças.

Nesta oficina, intitulada de O Negro Representado no Conto “Zaki” é abordado como a personagem é apresentada. O gênero discursivo trabalhado é o Conto, através de uma discussão sobre a diversidade com a finalidade de contribuir para a valorização da construção da identidade e autoestima das crianças negras.

PÚBLICO ALVO:

Alunos dos Anos Finais (8º e 9º Ano)

CONTEÚDOS ABORDADOS:

Gênero: Conto

Obras de arte

OBJETIVO:

- Promover discussões sobre o tema da diversidade com o intuito de contribuir para a valorização da construção da identidade e autoestima das crianças negras através da literatura.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

Uma aula de 50 minutos



RECURSOS UTILIZADOS:

- ✓ Exemplar do livro ZAKI, de Flávio Marcelo Pinto;
- ✓ Datashow para leitura das imagens da obra;
- ✓ Impressão ampliada de todas as páginas do livro coladas em cartolinas;
- ✓ Cartolina e cola;
- ✓ Papel Ofício.

OBSERVAÇÃO: As imagens podem ser divulgadas sem os textos.

METODOLOGIA:

PRIMEIRO MOMENTO:

O professor irá convidar a todos para observar a exposição de um livro atual sobre a cultura africana e afro-brasileiras na sala de aula e observem, em silêncio, o que elas representam. Após 5 minutos (ou menos), as imagens da obra serão apresentadas por meio do datashow para que todos consigam visualizá-las e posteriormente analisá-las. O intuito é que eles exponham suas interpretações acerca da imagem que analisaram sem os textos e se está de acordo com o que se pensa atualmente sobre a temática, ou seja, como o negro é representado hoje. Depois disso, os textos de cada página podem ser apresentados.

OBSERVAÇÃO: Antes do início da aula o livro já deve estar exposto nas paredes da sala de aula.

SEGUNDO MOMENTO:

No segundo momento, os alunos devem ser encaminhados para uma exposição de obras de arte, que pode ser feita no pátio da escola. O professor deve iniciar uma reflexão sobre a valorização da cultura negra e sua contribuição na construção da identidade brasileira apresentando imagens de obras de arte (Ver material de apoio) para aguçar o momento. Além disso, é importante o professor



problematizar sobre como a cultura africana influencia até os dias atuais nos nossos hábitos e costumes. Essa discussão visa contribuir positivamente para a construção da identidade de crianças negras.

DICA DO PROFESSOR:

O professor deve instigar aos alunos se eles conhecem outros textos que se assemelham, textos que valorizam ou só focam em retratar situações de racismo sem os levar a uma discussão sobre empatia e respeito.

TERCEIRO MOMENTO:

De volta para a sala de aula para o terceiro momento, os alunos irão apontar através das imagens ofertadas pelo professor que representa melhor o negro atualmente. Como ele gostaria que o negro fosse retratado nos contos, nas obras, nos textos atuais. Para finalizar as discussões o professor solicita que escrevam uma palavra que represente a sua ideia numa folha ofício ou de seu caderno mesmo e apresente-a.

DICA DO PROFESSOR:

O professor pode fazer uma colagem de todas as palavras para exposição na sala de aula através de uma nuvem de palavras, com a temática NEGRA ao centro e as demais formando a nuvem (Ver exemplo no material de apoio).

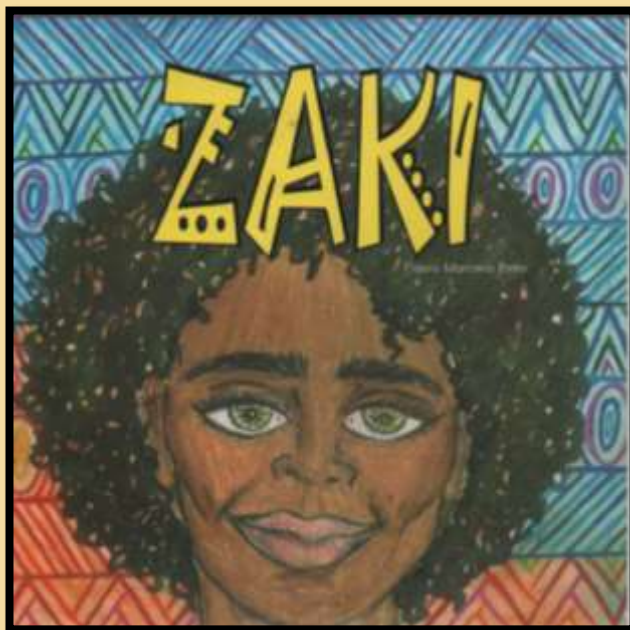
AValiação:

Os alunos serão avaliados quanto à participação nas atividades propostas, tanto oralmente quanto na escrita das palavras.



MATERIAL DE APOIO

TEXTO BASE 01



Capa do livro

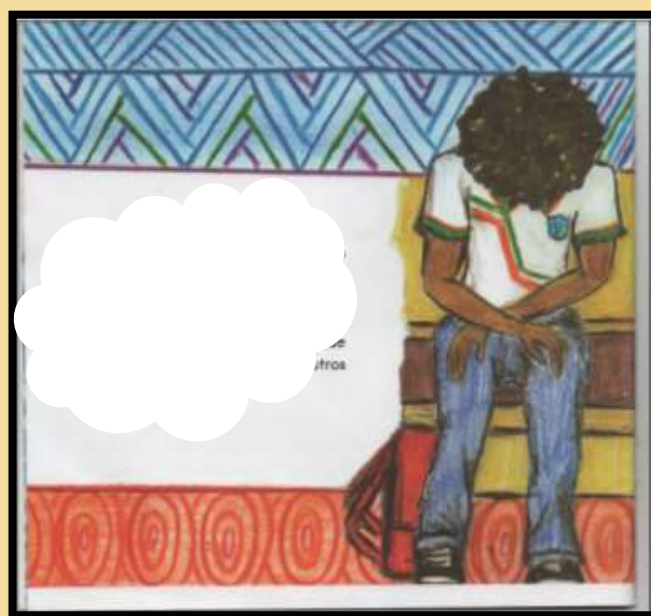
O conto Zaki objetiva contribuir com a valorização do patrimônio histórico e cultural dos afrodescendentes, na reeducação das relações étnico-raciais e na inclusão de novos saberes no currículo escolar, por meio da literatura. O texto traz a temática do racismo e suas mais dolorosas práticas. Zaki é a personagem que intitula a obra e nos dá motivos para acreditar que a educação é transformadora.



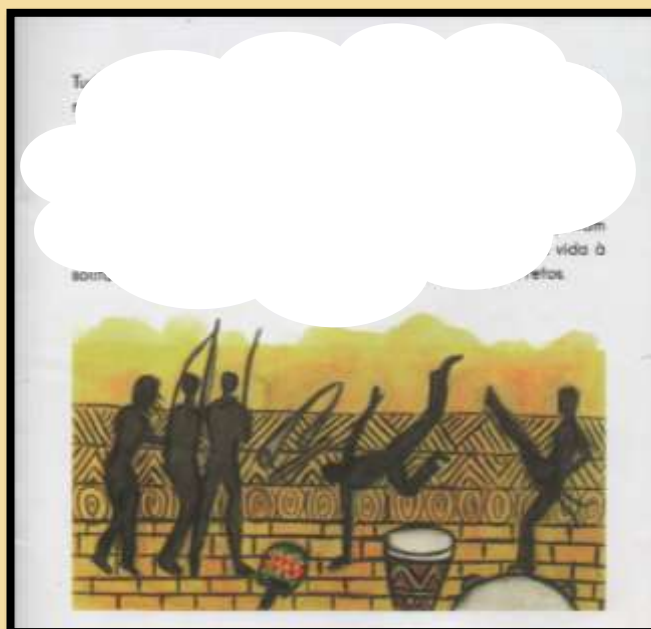
Página 5



Página 6



Página 7



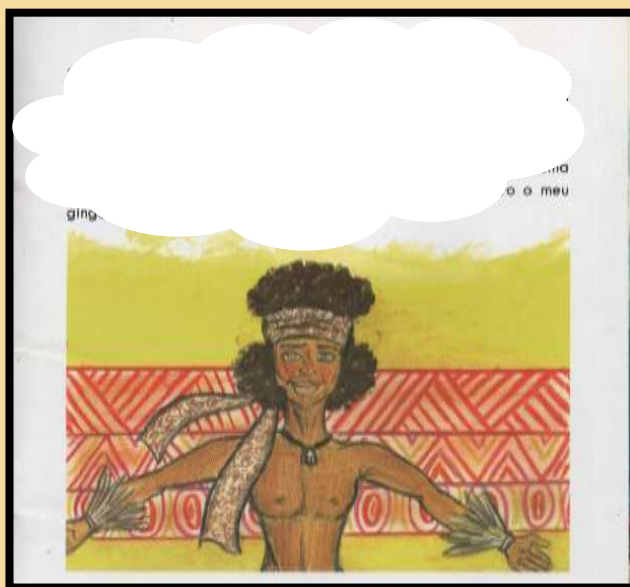
Página 8



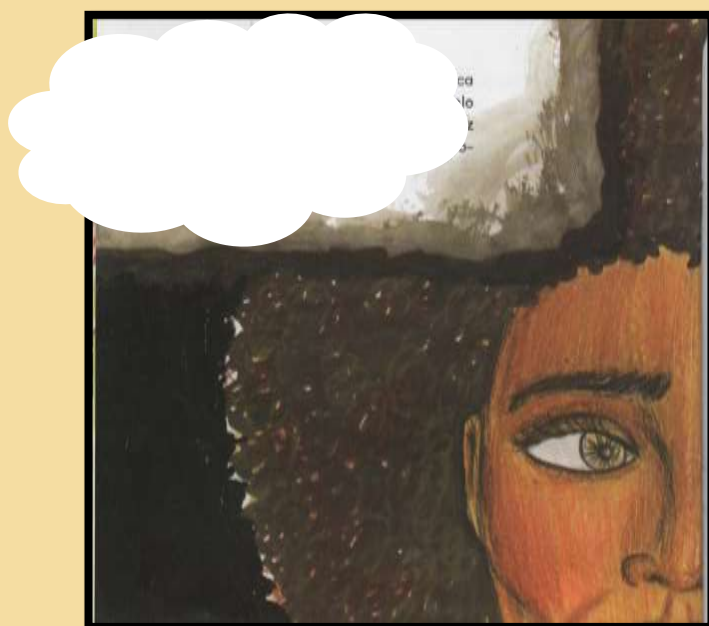
Página 9



Página 12



Página 14



Página 15

TEXTO BASE 02



Colona sentada, de Portinari - 1935. - Reprodução/Instituto de Estudos Brasileiros da USP, Coleção Mário de Andrade, São Paulo - SP.



Alexandre Keto
<https://www.pordentrodaafrica.com/cultura/arte-tem-que-estar-na-rua-para-conectar-as-pessoas-diz-alexandre-keto>



Alexandre Keto no Benin
<https://www.pordentrodaafrica.com/cultura/arte-tem-que-estar-na-rua-para-conectar-as-pessoas-diz-alexandre-keto>



<https://revistagalileu.gloro.com/cultura/noticia/2021/10/negras-cabecas-exposicao-de-baiana-exalta-mulheres-de-etnias-africanas.html>



<https://www.hypeness.com.br/2018/03/artista-substitui-homens-e-mulheres-brancos-por-mulheres-negras-em-obras-de-arte-classicas/>

TEXTO COMPLEMENTAR 01

NUVEM DE PALAVRAS



<https://ge.globo.com/blogs/especial-blog/garrafao-rubro-negro/post/ninguem-nasce-racista-atletas-e-tecnico-falam-sobre-o-combate-ao-racismo.html>

TEXTO COMPLEMENTAR 02

MÚSICA: 'Negro é lindo', de Jorge Ben

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=8sz3Ffp0Qz4>

LETRA DA MÚSICA:

Negro é Lindo

Composição: Jorge Ben Jor

Negro é lindo
Negro é lindo
Negro é amigo
Negro também é
Filho de Deus
Eu só quero que
Deus me ajude
A ver meu filho
Nascer e crescer
E ser um campeão
Sem prejudicar



Ninguém porque
Negro é lindo
Negro é amor
Negro é amigo
Negro também é
Filho de Deus
Negro também é
Filho Deus
Preto velho tem
Tanta canjira
Que todo o povo
De Angola
Que todo o povo
De Angola
Mandou preto velho
Chamar eu quero ver
Preto velho dizer
Eu quero ver preto
Velho cantar e dizer
Negro é lindo
Negro é amor
Negro é amigo
Negro também é
Filho de Deus
Negro também é
Filho de Deus

"A democracia só será uma realidade quando houver, de fato, igualdade racial no Brasil e o negro não sofrer nenhuma espécie de discriminação, de preconceito, de estigmatização e de segregação, seja em termos de classe, seja em termos de raça."

Trecho do livro "Significado do Protesto Negro", do sociólogo brasileiro Florestan Fernandes.

OFICINA II

— ” —
Zaki, respeito
e empatia.
— ”



SITUANDO

A escola para os alunos negros e alunas negras tornou-se um lugar de experiências emocionais graves, onde eles serviam de chacotas, humilhação, desprezo, exclusão. Nesse sentido a discussão sobre inclusão, equidade e o respeito às diferenças começa a ocupar um lugar de destaque. Visando isso, a Lei 10.639/2003 que normatiza o ensino obrigatório de história e cultura africana e afro-brasileiras nas salas de aula de todo território nacional é um caminho para combater o racismo presente e nas práticas pedagógicas.

Nesta segunda oficina, intitulada de Zaki, respeito e empatia são abordadas situações vividas pela personagem dentro da realidade do racismo, preconceito e discriminação. O gênero discursivo trabalhado é o Conto, através de uma discussão sobre comportamentos desumanos pelas quais os nossos alunos negros e alunas negras passam.

PÚBLICO ALVO:

Alunos dos Anos Finais (8º e 9º Ano)

CONTEÚDOS ABORDADOS:

Gênero: Conto

Produção Textual: Descrição

OBJETIVOS:

- Abordar o tema da diversidade com o intuito de contribuir para a valorização da identidade e autoestima das crianças negras;
- Oportunizar mudanças de atitudes preconceituosas e discriminatórias;
- Desenvolver respeito, empatia e solidariedade em relação a quem sofre práticas racistas.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

Duas aulas de 50 minutos

RECURSOS UTILIZADOS:

- ✓ Exemplar do livro ZAKI, de Flávio Marcelo Pinto;



- ✓ Xérox da capa do livro para todos os alunos;
- ✓ Datashow para leitura da obra.

METODOLOGIA:

PRIMEIRO MOMENTO:

O primeiro momento é um estudo sobre a capa do livro. O professor deverá instigar aos alunos a fazer inferências a respeito da capa do livro que representa a personagem da história. Na capa devem ser destacados os traços afrodescentes, o nome da personagem, as imagens que compõem a arte da capa.

Observação: O livro deve ser scaneado para leitura.

SEGUNDO MOMENTO:

Os alunos devem colar a xérox da capa do livro no caderno. Em seguida, fazer uma descrição escrita abaixo da imagem do que achou mais importante sobre as discussões. O professor abordará também, nesse momento, o tipo textual Descrição, suas características e função.

TERCEIRO MOMENTO:

Neste momento, deve ser feita a leitura da obra pelo professor e alunos. Os alunos acompanharão a leitura através do datashow. O professor deve dar ênfase aos enunciados das páginas 7,9,11,13,14. Esses enunciados dão destaque aos costumes e hábitos de Zaki, o que representa a sua cultura e o que o faz feliz.

Observação:

A leitura pode ser compartilhada.

QUARTO MOMENTO:

Após a leitura da obra, o professor irá iniciar questionamentos sobre as temáticas





respeito e empatia. ZAKI sofre por ser um menino negro, com traços afrodescentes que se sobressaem e por não ter os mesmos hábitos que os outros meninos, aparentemente brancos ou pardos.

Neste momento o professor usará estes questionamentos para iniciar a discussão do assunto:

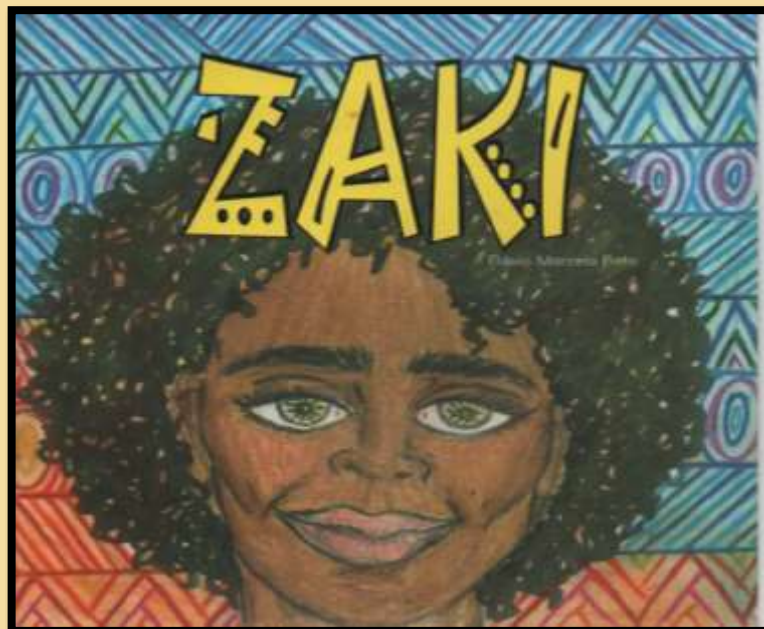
- Zaki tem algum problema?
- Ele é culpado por não quererem brincar com ele e ser alvo de chacotas?
- Qual o problema em conviver com quem é diferente?
- Como você se sentiria se fosse excluído de brincadeiras por ser quem você é?
- Vocês acham que essas diferenças devem separar ou unir as pessoas?

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados quanto à participação nas atividades propostas, tanto oralmente quanto na escrita.

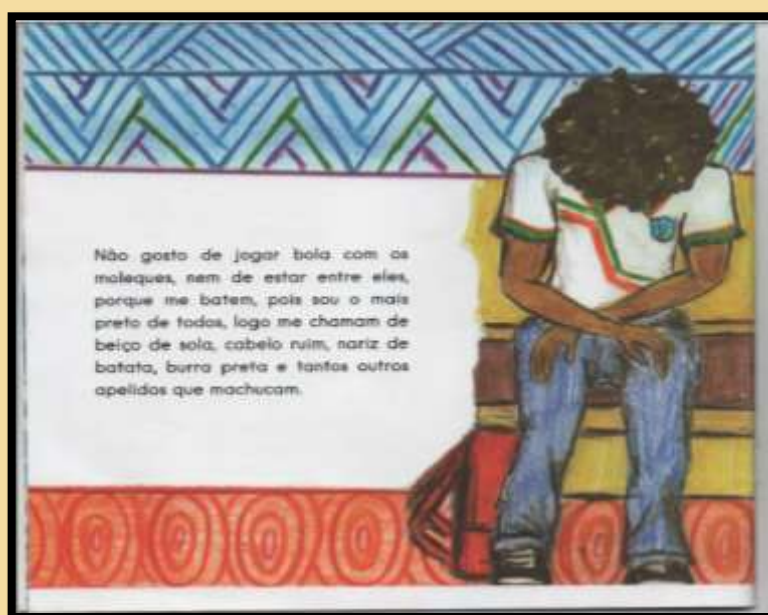
MATERIAL DE APOIO

TEXTO BASE



Capa do livro

O conto Zaki objetiva contribuir com a valorização do patrimônio histórico e cultural dos afrodescendentes, na reeducação das relações étnico-raciais e na inclusão de novos saberes no currículo escolar, por meio da literatura. O texto traz a temática do racismo e suas mais dolorosas práticas. Zaki é a personagem que intitula a obra e nos dá motivos para acreditar que a educação é transformadora.



Enunciado 1

Então, corro para a roda, canto e brinco alegremente, danço e samba no meio da roda, descendo até o chão com o meu remelexo, contagiando a todos com a minha alegria de viver e de ser preto. Sou ágil nos chutes e rasteiras, cabeçadas e joelhadas, saltos e acrobacias da capoeira.



Enunciado 2

Meu corpo negro logo responde! É como se uma força viesse de dentro pra fora (...). Começo a requebrar as cadeiras, a dançar com braços, pernas, mãos, olhos e boca. E meus pés lindamente dançam o coco e sambam o samba de roda.



Enunciado 3

Dançar está no meu sangue, nas minhas veias! Dentre todas as coisas que existem é o que mais gosto de fazer, alimenta meu espírito, enxuga minhas lágrimas, me traz uma felicidade espontânea e a liberdade de poder me reconhecer e me expressar através da minha essência africana. E, mesmo quando riem de mim, porque às vezes riem, uma força me renova e me liberta. Ai é que me mostro! Mostro o meu gingado negro que é só meu, minha arte.



Enunciado 4

Gosto do que sou e como sou. Da minha boca grande e dos lábios carnudos, do meu cabelo enrolado que cresce para cima, do meu nariz largo, da minha pele marrom- cor de ébano- e dos meus olhos cor de mel.



Enunciado 5

**"Eu tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos
um dia viverão em uma nação onde não serão julgados
pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter.
Eu tenho um sonho hoje."**

Martin Luther King Jr., em seu famoso discurso em Washington DC.

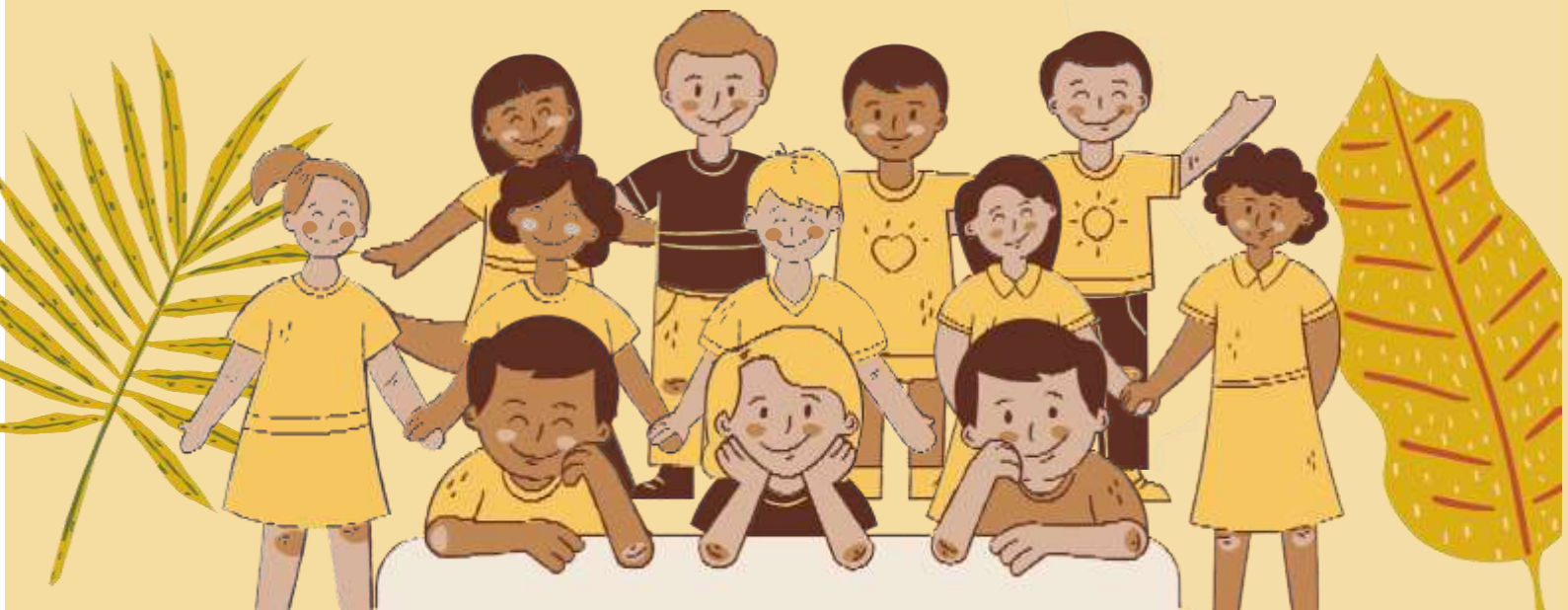
OFICINA III



— ”

Leiza, padrão de beleza
e racismo

”



SITUANDO

A Lei 10.639/2003 que normatiza o ensino obrigatório de história e cultura africana e afro-brasileiras nas salas de aula de todo território nacional é um caminho para combater o racismo presente e nas práticas pedagógicas, bem como debater sobre a estética negra que é presente, mas silenciada pela falta de representação.

Nesta terceira oficina, intitulada de Leiza padrão de beleza e racismo, discute um pouco da falta de afirmação e positividade que a beleza negra carrega e como essa imagem da beleza é apresentada na sociedade. Há uma necessidade urgente dos espaços escolares rememorarem a a força que história negra tem para fortalecer a construção da identidade e autoestima de crianças negras.

PÚBLICO ALVO:

Alunos dos Anos Finais (8º e 9º Ano)

CONTEÚDOS ABORDADOS:

Gênero: Conto

Música

OBJETIVOS:

- Motivar o debate sobre racismo e padrão de beleza;
- Identificar sinais de rejeição à figura do negro em relação ao padrão de beleza.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

Duas aulas de 50 minutos

RECURSOS UTILIZADOS:

- ✓ Exemplares e cópias do livro Leiza, um conto de cabelos, de Renato Leonardo da Silva;
- ✓ Letra da música Olhos Coloridos, de Sandra de Sá impressa;
- ✓ Lápis de escrever e borracha;
- ✓ lápis de cor;



- ✓ Canetinhas;
- ✓ Papel para rascunho.

METODOLOGIA:

PRIMEIRO MOMENTO:

O primeiro momento é uma imersão na temática “padrão de beleza” com a música **‘Olhos coloridos’, de Sandra de Sá**. O professor deverá convidar os alunos a fazerem um círculo no chão para ouvir e distribuir a letra da música impressa.

Após, o professor deve instigar com os seguintes questionamentos:

Você já conhecia essa música?

O que padrão de beleza?

A música fala sobre padrão de beleza?

Quais outros assuntos relacionados a estética negra a música aborda?

OBSERVAÇÃO:

Quem souber cantar a música, o professor deve pedir que acompanhe.

SEGUNDO MOMENTO

No segundo momento o professor apresentará o texto Leiza, de Renato Leonardo, que aborda a temática da cultura e estética negra. Os alunos farão a leitura do texto ainda em círculo no chão. Após a leitura, surpreender os alunos sobre os seguintes questionamentos:

Você conhece alguém que por não fazer parte do padrão de beleza já fez mudanças radicais em seu corpo?

A história de Leiza é sua também?

Você concorda que há tipos de cabelos bonitos e cabelos feios?

Você acha que o problema está na falta de representatividade nas grandes mídias por um longo tempo da nossa história?



TERCEIRO MOMENTO:

O quarto momento é dedicado a uma autoreflexão de si próprio. O professor entregará um post it a cada aluno e solicitar que atribuam uma nota a si mesmo respondendo a pergunta: Quanto vale a minha beleza? Atribuem uma nota de 1 a 10. Recolher todas as notas de forma que não se identifique de quem era e colar no quadro branco da sala. Pedir que os alunos façam as contagens das notas, quantas altas e quantas baixas e explicarem o que essas notas representam mesmo não sabendo a quem se destina.

DICA DO PROFESSOR:

Observar quantos alunos atribuíram notas altas e notas baixas.

AVALIAÇÃO:

Os alunos serão avaliados quanto à participação nas atividades propostas, tanto oralmente.

DICA: Professor, após toda essa discussão sobre a representação dos padrões de beleza, é interessante promover um amplo debate sobre o assunto. É importante mostrar aos alunos todo um histórico de negação da cultura afro nas grandes mídias e como isso vem mudando.



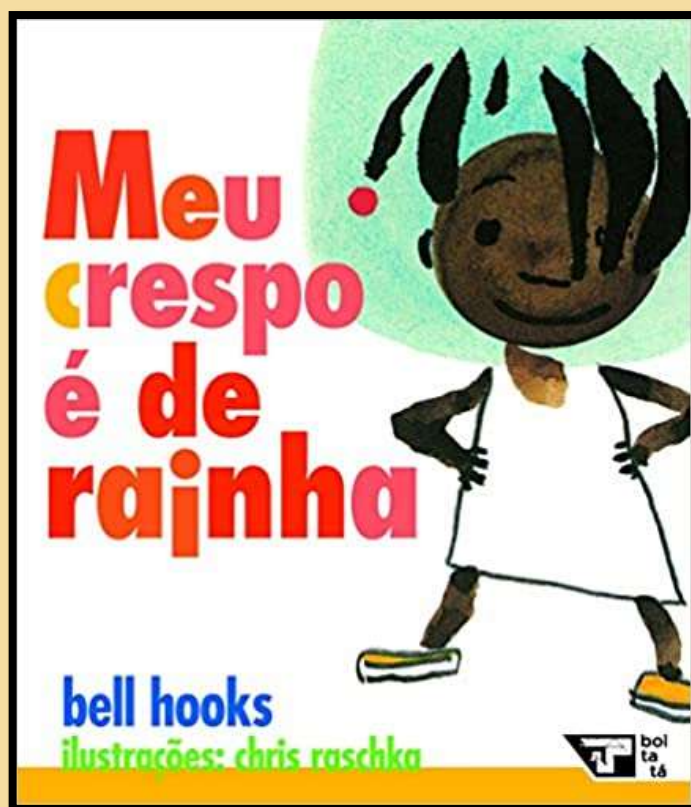
MATERIAL DE APOIO

TEXTO BASE



O conto Leiza objetiva contribuir com a valorização do patrimônio histórico e cultural dos afrodescendentes, na reeducação das relações étnico-raciais e na inclusão de novos saberes no currículo escolar, por meio da literatura. O texto traz a temática da relação entre cabelo e racismo através da doce personagem que intitula a obra.

TEXTO COMPLEMENTAR 01



<https://lunetas.com.br/wp-content/uploads/2021/04/xxxmeu-crespo-e-de-rainhaxxx-boitata-2018.jpg>

O poema rimado traz versos para se orgulhar dos cabelos como são e ressignificar termos usados de forma preconceituosa em um contexto de valorização como no verso 'Pixaim, sim! Gosto dele bem assim!'. Combinadas ao poema, as ilustrações mostram as mais variadas formas de penteados e cortes de cabelo e as relações que se formam a partir desse símbolo identitário.

TEXTO COMPLEMENTAR 02

MÚSICA: 'Olhos coloridos', de Sandra de Sá

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=X2tb8YVfOqI>

LETRA DA MÚSICA:

Olhos Coloridos (part. Sandra de Sá)

Composição: Seu Jorge

Os meus olhos coloridos

Me fazem refletir

Eu estou sempre na minha

E não posso mais fugir

Meu cabelo enrolado

Todos querem imitar

Eles estão baratinado

Também querem enrolar

Você ri da minha roupa

Você ri do meu cabelo



Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso

A verdade é que você
(Todo brasileiro tem!)
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro
Sarará, sarará
Sarará, sarará
Sarará crioulo
Sarará crioulo
Sarará crioulo

Os meus olhos coloridos
Me fazem refletir
Que eu tô sempre na minha
Não! Não!
Não posso mais fugir
Não posso mais!
Não posso mais!
Não posso mais!
Não posso mais!

Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar

Cê ri! Cê ri! Cê ri!
Cê ri! Cê ri!
Cê ri da minha roupa
Cê ri do meu cabelo
Cê ri da minha pele
Cê ri do meu sorriso

Mas verdade é que você
(Todo brasileiro tem!)
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro
Sarará, sarará
Sarará, sarará
Sarará crioulo

Sarará crioulo
Sarará crioulo

*“Todos exigimos e queremos respeito, homem ou mulher,
negro ou branco. É nosso direito humano básico.”*

Aretha Franklin, a "rainha do Soul" que, em sua trajetória, sempre lutou pelos direitos humanos das mulheres e da população negra.

OFICINA IV



— ”

Leiza, um conto de
Cabelos...?

”



SITUANDO

A obra Leiza, inspiração para esta quarta oficina, traz uma discussão sobre o padrão de beleza imposto pela sociedade atualmente, principalmente sobre as questões de cabelo. O corpo e a beleza negra sofreram inúmeras interpretações historicamente, vítima de racismo, preconceito e discriminação.

A oficina contribui para tratar de questões ligadas a construção da identidade de meninas negras e sua autoestima trabalhando a temática da beleza negra, ligadas não só a cor da pele, mas também ao cabelo crespo. Destaca no desenvolvimento das oficina o crescimento da representatividade do ser negro nas grandes mídias, aspecto importante que deve ser levando para as salas de aula.

PÚBLICO ALVO:

Alunos dos Anos Finais (8º e 9º Ano)

CONTEÚDOS ABORDADOS:

Gênero: Conto

OBJETIVOS:

- Praticar a habilidade da leitura oral e a construção do pensamento crítico;
- Caracterizar o gênero Conto.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

Duas aulas de 50 minutos

RECURSOS UTILIZADOS:

- ✓ Exemplar do livro Leiza, um conto de cabelos, de Renato Leonardo da Silva;
- ✓ Datashow para leitura do livro.

METODOLOGIA:



PRIMEIRO MOMENTO:

No primeiro momento o professor levará os alunos para o pátio, um local em que eles possam sentar e se dedicar as discussões. O professor irá motivar aos alunos, no máximo dez minutos, essa motivação tem o intuito de instigar os alunos a terem interesse pela leitura do livro. O professor irá apresentar o título do livro Leiza, um conto de cabelos e só depois mostrará as imagens da capa para poder instigar quanto aos elementos do título:

Sobre que tipos de cabelos o texto vai falar?

Leiza, a protagonista da história, tem que tipo de cabelo?

Será que é uma história sobre vários tipos de cabelos?

SEGUNDO MOMENTO:

O segundo momento o professor irá fazer a introdução, que também deve ser um momento breve, podemos apresentar os autores do texto e os ilustradores. Após imaginar sobre o que a obra nos traz, é hora de falar um pouco sobre o autor, Renato Leonardo da Silva e a ilustradora, Elizana Lima. Como o título já foi discutido, é hora de analisar a capa do livro. Quais as informações que as ilustrações nos traz.

TERCEIRO MOMENTO:

O terceiro momento é o momento da leitura e caracterização do gênero. Os alunos voltarão para a sala de aula para realizar a leitura do texto que será feita através do Datashow. Neste momento, o professor irá iniciar a leitura da forma que achar conveniente, silenciosa ou interativa, de acordo com a realidade da turma. Em seguida, o professor apresentará o gênero Conto que desenvolve uma história:

- ✓ Uma narrativa curta;
- ✓ Um único conflito;
- ✓ Poucos personagens;
- ✓ Apresenta um narrador;
- ✓ Um ponto de vista;
- ✓ Um enredo;
- ✓ Tempo;





✓ Espaço.

O professor também pode motivar a turma questionando antes de apresentar as características se os alunos já ouviram falar em um conto. Se já o trabalharam em sala de aula.

DICA DO PROFESSOR: Utilizar, caso seja necessário, o mapa mental que está na sugestão de materiais para a o desenvolvimento da oficina.

QUARTO MOMENTO:

O quarto momento é dedicado as interpretações. Requer muita participação, pois são necessárias as mais variadas interpretações dos alunos. Seguindo os questionamentos abaixo, o professor pode iniciar:

- Você achava que a história seria sobre esse assunto?
- Você acredita que existem meninas e meninos que não se identificam com o seu próprio cabelo?
- Você conhece alguém que querem “lisar” o cabelo ou que já “lisou”, como Leisa queria?
- Essas pessoas ficaram mais bonitas ou só diferentes?
- A ditadura do cabelo liso ainda permanece nos dias de hoje?
- O que podemos fazer para que meninas como Leiza não se sintam feias por causa de suas próprias características?
- Você acha que meninas negras precisam de mais representatividades na grande mídia?

AVALIAÇÃO:

Os alunos serão avaliados quanto à participação oral e comportamental nas atividades propostas.

DICA DO PROFESSOR: Professor, precisa identificar se há meninas com cabelos alisados na sala de aula a fim de que o rumo das interpretações não seja motivo de conflitos.

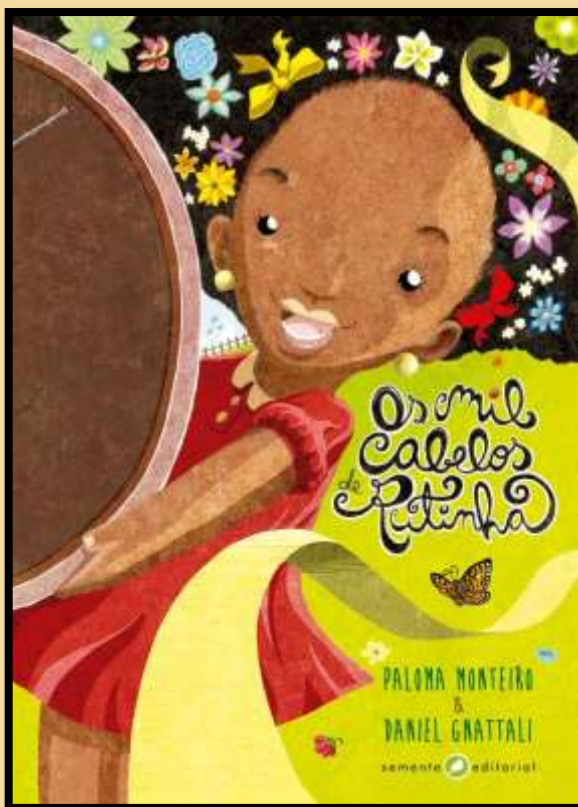
MATERIAL DE APOIO

TEXTO BASE



O conto Leiza objetiva contribuir com a valorização do patrimônio histórico e cultural dos afrodescendentes, na reeducação das relações étnico-raciais e na inclusão de novos saberes no currículo escolar, por meio da literatura. O texto traz a temática da relação entre cabelo e racismo através da doce personagem que intitula a obra.

TEXTO COMPLEMENTAR 01



Além da valorização da autoestima das crianças, essa narrativa explora as relações familiares de uma forma distante de estereótipos. Quem é que não gostaria de ter um avô que passa a tarde fazendo trancinhas no cabelo das netas?

TEXTO COMPLEMENTAR 02



Negra Jaque – Cabelo Crespo (Vídeo Oficial)
<https://youtu.be/vOC8M6pEM2g>

Música Negra Jaque - Cabelo Crespo, letra narrador Kanhanga, clipe gravado durante a Marcha do Orgulho Crespo em Porto Alegre – RS, com produção musical de SaunesPro e filmagens e edição Pri Trep. A Marcha do Orgulho Crespo é uma manifestação de mulheres que defendem a diversidade estética, iniciou no Parque da Redenção e seguiu até o Largo Zumbi dos Palmares. O ato faz parte de um movimento nacional pela valorização da estética afro-brasileira.

TEXTO COMPLEMENTAR 03

LETRA DA MÚSICA CABELO CRESPO – NEGRA JAQUE

CABELO CRESPO
SOLTE SEU CABELO CRESPO
CABELO CRESPO
SOLTE SEU CABELO CRESPO
CABELO CRESPO
SOLTE SEU CABELO CRESPO
CABELO CRESPO
SOLTE SEU CABELO CRESPO
CABELO CRESPO
SOLTE SEU CABELO CRESPO
CABELO CRESPO
SOLTE SEU CABELO CRESPO
CABELO CRESPO
SOLTE SEU CABELO CRESPO
CABELO CRESPO
SOLTE, SOLTE, SOLTE, SOLTE

MOSTRA O SEU CABELO DANE-SE QUEM NÃO GOSTOU
ABANA A CABEÇA PRA CIMA E PRA BAIXO ORGULHO DE QUEM NOS CRIOU
DELA SE ORIGINOU
ÁFRICA SE CONSAGROU
BERÇO DA HUMANIDADE ENTÃO POR FAVOR RESPEITE O QUE EU SOU
MEU CABELO É NOSSA RAIZ
INDEPENDENTE DE QUALQUER PAÍS
MEU CABELO É O CABELO MAIS RICO POR SUA NATUREZA E ME DEIXA FELIZ
QUEM DISSE PRA TODA ESSA GENTE RACISTA QUE NOSSO CABELO É RUIM?
MEU ORI EXIJO RESPEITO EU MESMA QUE QUIS
TAMBÉM NASCER ASSIM

CABELO CRESPO
SOLTE SEU CABELO CRESPO
CABELO CRESPO
SOLTE SEU CABELO CRESPO
CABELO CRESPO
SOLTE SEU CABELO CRESPO
CABELO CRESPO



SOLTE SEU CABELO CRESPO

CABELO CRESPO

SOLTE SEU CABELO CRESPO

CABELO CRESPO

SOLTE SEU CABELO CRESPO

CABELO CRESPO

SOLTE SEU CABELO CRESPO

CABELO CRESPO

SOLTE, SOLTE, SOLTE, SOLTE

ABANA A CABEÇA PRO LADO

OLHA PRA QUEM TE CHAMOU

FAZ ESTILO O BAGUNÇADO

CHARME PRA QUEM NÃO CHAMOU

SOLTA TODOS CACHEADOS

VOLUME QUE SE VOLUMOU

PRA CIMA E PRA BAIXO, PRO LADO A BELEZA NEGRA QUE EVIDENCIOU

HIDRATA MAS PURA BELEIRA QUE TÁ NO COURO CABELUDO

SE ALGUÉM PERGUNTAR O PORQUE? #TU DIZ “NATURAL” O CABELO DIZ TUDO

OS CRESPOS SOLTOS NO AR, AS MADEIXAS TODAS SÃO MINHAS

PORQUE SEU CABELO É O PODER, É PODEROSA, É UMA RAINHA

TIRA MÃO SAI DAQUI, MEU CABELO NÃO É MODA

NÃO ALISO, NÃO RASPO, NÃO CHAPO, ACEITE ASSIM

EU SEI QUE INCOMODA

TIRA MÃO SAI DAQUI, MEU CABELO NÃO É MODA

NÃO ALISO, NÃO RASPO, NÃO CHAPO, ACEITE ASSIM

EU SEI QUE INCOMODA

TIRA MÃO SAI DAQUI, MEU CABELO NÃO É MODA

NÃO ALISO, NÃO RASPO, NÃO CHAPO, ACEITE ASSIM

EU SEI QUE INCOMODA

TIRA MÃO SAI DAQUI, MEU CABELO NÃO É MODA

NÃO ALISO, NÃO RASPO, NÃO CHAPO, ACEITE ASSIM

EU SEI QUE INCOMODA

EU SEI QUE INCOMODA

EU SEI QUE INCOMODA

CABELO CRESPO

SOLTE SEU CABELO CRESPO

CABELO CRESPO

SOLTE SEU CABELO CRESPO

CABELO CRESPO

SOLTE SEU CABELO CRESPO

CABELO CRESPO

SOLTE SEU CABELO CRESPO



CABELO CRESPO

SOLTE SEU CABELO CRESPO

CABELO CRESPO

SOLTE SEU CABELO CRESPO

CABELO CRESPO

SOLTE SEU CABELO CRESPO

CABELO CRESPO

SOLTE, SOLTE, SOLTE, SOLTE

TEXTO COMPLEMENTAR 04

MAPA MENTAL DO GÊNERO CONTO

Aquele que conta a história:
Personagem (1ª pessoa - narra e participa dos fatos);
Observador (3ª pessoa - somente conta a história);
Onisciente (3ª pessoa - além de narrar, conhece o passado, futuro e pensamento das personagens).

Executam e sofrem ações durante o enredo das narrativas.

Época em que acontece a história ou tempo de duração das ações.



Cenário no qual as personagens executam e sofrem as ações.

Sequência das ações que compõe a história.



Situação vivenciada pelas personagens. No conto, costuma ser único.



Narrativa curta que envolve apenas um conflito. Apesar de breve, é uma narrativa completa, com início, meio e fim.

Conto

Estrutura

Apresenta o contexto da narrativa (personagens, espaço, tempo e primeiros acontecimentos).

Introdução

Desenvolvimento

Apresenta as ações que modificam o estado inicial da narrativa.

Clímax

Apresenta o auge do problema. As ações tomadas definem o rumo da história.

Conclusão

Apresenta o final da história. Pode mostrar que o problema foi solucionado ou não.



*"Enquanto a cor da pele for mais importante que o
brilho dos olhos, haverá guerra."*

Trecho traduzido da música "War", do ícone da música Bob Marley.

OFICINA V



— ” —

Refazendo o meu próprio caminho.



SITUANDO

Durante muito tempo a origem e cultura negra foi desvalorizada e ridicularizada. É necessário oportunizar que crianças negras valorizem sua ligação com suas origens através de representatividade, dentro do seio familiar e no contexto escolar.

A oficina cinco traz através do texto Refazendo meu caminho Um reencontro com a nossa história uma linda história de busca pela ancestralidade da personagem Bárbara. Uma história de busca da identidade por meio da tomada de consciência de sua ancestralidade, origem, raízes.

PÚBLICO ALVO:

Alunos dos Anos Finais (8º e 9º Ano)

CONTEÚDOS ABORDADOS:

Gênero: Conto

Produção de texto: Memórias

OBJETIVOS:

- Praticar a habilidade da leitura oral e a construção do pensamento crítico;
- Produzir uma nova continuação para o texto “Refazendo o caminho”, um reencontro com a nossa história;
- Estimular a produção de textos e criatividade;
- Identificar a relação da história do livro com a história de sua família.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

Três aulas de 50 minutos

RECURSOS UTILIZADOS:

- ✓ Exemplar do livro Refazendo o caminho, um reencontro com a nossa história, de Soraia Colaço;



- ✓ Datashow para exposição de partes do texto;
- ✓ Papel, lápis e borracha.

METODOLOGIA:

PRIMEIRO MOMENTO:

O primeiro momento é dedicado a contação da história. O professor deverá promover um ambiente confortável e silencioso para que os alunos se concentrem nas narrativas. A leitura deverá ser feita pelo professor a fim de que a entonação e suspense para as próximas cenas sejam garantidas, bem como a curiosidade dos alunos perante as cenas futuras.

DICA DO PROFESSOR:

Os alunos podem ser levados para a sala de leitura da escola para que estejam em um ambiente voltado à leitura.

SEGUNDO MOMENTO:

O segundo momento é dedicado as interpretações do texto através dos seguintes questionamentos:

- O texto trata de quê?
- Qual o assunto discutido é tratatado?
- A personagem Bárbara está à procura de quê?
- Você acha importante a busca pelas nossas origens?
- O que você conhece sobre suas origens?
- Você tem orgulho delas?

TERCEIRO MOMENTO:

O terceiro momento é o momento da produção textual. O Professor irá abordar o Gênero Memórias, suas características e função. Os alunos irão realizar a produção de memórias completando a partir da primeira parte do texto. Orientar que os alunos substituam as informações da personagem Bárbara pelas suas e refaça a história,





completando as informações.

Quem ele é;

De onde ele vem;

O que gosta de fazer;

O local em que está;

E quem o chama;

A partir disso, refazer de acordo com as informações da sua própria vida.

DICA DO PROFESSOR:

O aluno pode recontar a história de acordo com a visão de um parente seu conforme tenha história de seus familiares. Seria enriquecedor esse compartilhamento. É importante não privar o aluno diante de seus interesses de produção.

QUARTO MOMENTO:

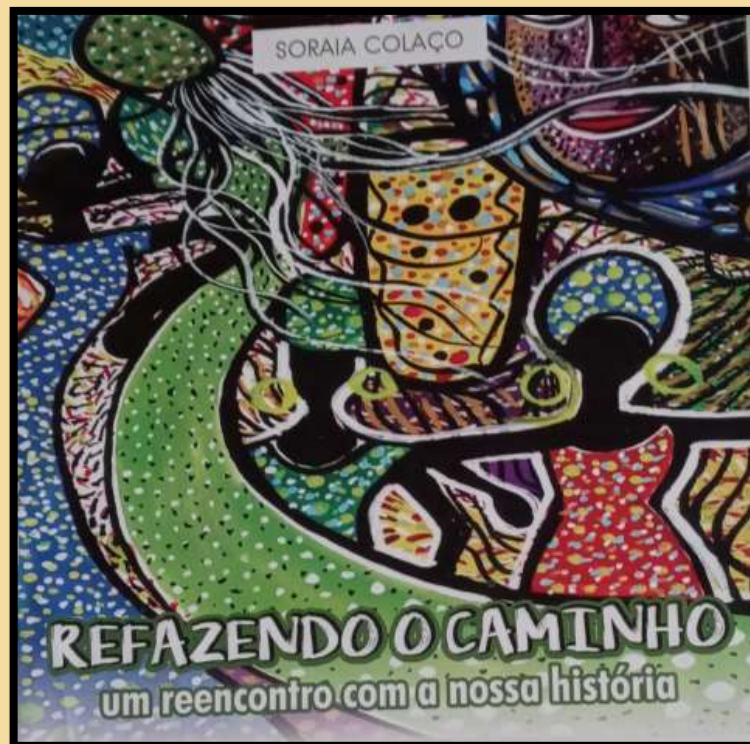
O quarto momento é dedicado as exposições. O professor pode escolher textos que possam ser expostos, lidos, ou os alunos podem contar sobre o que escreveram.

AVALIAÇÃO:

Os alunos serão avaliados quanto à participação oral e produção textual.

MATERIAL DE APOIO

TEXTO BASE



CAPA DO LIVRO

O conto objetiva contribuir com a valorização do patrimônio histórico e cultural dos afrodescendentes, na reeducação das relações étnico-raciais e na inclusão de novos saberes no currículo escolar, por meio da literatura. O texto traz a temática da relação entre racismo e identidade negra através de uma narrativa cheia de mistérios.

Meu nome é Bárbara, escolhido pela minha avó, por sua devoção a Santa Bárbara. Tenho 25 anos, nasci perto do mar, numa noite de lua cheia. Moro numa cidade chamada Liberdade, com uma população de, aproximadamente, 20.000 habitantes. Vivo da arte de fotografar, viajo por diversos países, registro histórias, olho o mundo por muitos ângulos e cores.

Em outras horas, sou poetisa e, por meio dos meus versos, me liberto. Mas o que mais gosto de fazer é dançar, pois trago no corpo a marca inesquecível de um passado ancestral, compreendendo que, por meio de ritmos, me comunico com o ser espiritual e livre que habita em mim. Ao dançar, sinto o encontro, entre o corpo e o espírito, tendo a certeza dessa unidade indissociável.

Numa noite de maio, quando caminhava pela praia, ao retornar de uma cantoria, oferecida à Rosa, uma amiga querida, por um cantador apaixonado, sentindo a brisa e o vento a bailar nos meus cabelos, parei diante do mar. Sob uma lua enigmática, fechei os olhos para desfrutar da beleza daquele momento. Lembrei-me de minha avó, do quanto ela gostava do mar, das tardes em que me levava para contemplar o pôr do sol.

De repente, uma alegria tomou conta de mim, como se estivesse presente aquela que embalara tanto meus sonhos. Deitei-me na areia fria da praia, e, quando estava quase adormecida, fui surpreendida por uma voz:

- Bárbara.

Olhei para os lados e não vi ninguém, parecia ter ouvido a voz de minha avó, mas como? Ela havia morrido há tanto tempo?

- Bárbara.

TEXTO COMPLEMENTAR 01

Identidade

Jorge Aragão

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai

Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história

Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade

Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai

Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história

Se o preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade

Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai

Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história.

"Não lutamos por integração ou por separação. Lutamos para sermos reconhecidos como seres humanos."

Malcolm X, ativista e defensor dos direitos dos negros nos Estados Unidos.

OFICINA VI



— ”

Árvore genealógica

”



SITUANDO

A história do ser negro no Brasil foi falsificada. Memórias, origem, raízes negadas e silenciadas. Durante muito tempo foram travadas batalhas a favor de reconhecimento e valorização. Como glória, a Lei 10.639/2003 veio para obrigar o ensino obrigatório de história e cultura africana e afro-brasileiras nas salas de aula de todo território nacional, um caminho para combater o racismo presente cotidianamente e nas práticas pedagógicas, oportunizando crianças e adolescentes negros e negras a reconhecerem a importância de suas raízes e se autoafirmarem como ser negro.

A sexta oficina intitulada Árvore genealógica, faz uma relação entre as origens e o texto típico de construção genealógica da família. Uma atividade que precisa ser resgatada, pois simboliza, a construção da identidade familiar.

PÚBLICO ALVO:

Alunos dos Anos Finais (8º e 9º Ano)

CONTEÚDOS ABORDADOS:

Árvore genealógica
Produção de texto

OBJETIVOS:

- Praticar a habilidade da leitura oral e a construção do pensamento crítico;
- Produzir uma árvore genealógica;
- Estimular a produção de textos e criatividade;
- Identificar a relação da história do livro com a história de sua família.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

Duas aulas de 50 minutos



RECURSOS UTILIZADOS:

- ✓ Exemplar do livro Refazendo o caminho, um reencontro com a nossa história, de Soraia Colaço;
- ✓ Datashow para exposição de partes do texto
- ✓ Lápis, borracha e papel.

METODOLOGIA:

PRIMEIRO MOMENTO:

A partir da contação da história Refazendo o caminho, um reencontro com a nossa história, levantar questionamentos a respeito de composição familiar, características, semelhanças e diferenças:

- As famílias são iguais?
- As pessoas da sua família são iguais?
- Elas têm o mesmo comportamento?
- Elas têm a mesma aparência?
- Você se identifica com todos os seus familiares?

SEGUNDO MOMENTO:

O segundo momento é dedicado ao estudo de árvore genealógica. O professor deve apresentar aos alunos um modelo de árvore que melhor se adeque ao contexto atual, ou apresente vários modelos e deixe que os alunos escolham o que melhor se adeque à sua família. Explicar a importância de reconhecer às suas origens e que esse tipo de texto nos ajuda muito a ter um panorama geral dos nossos parentescos. Propor um questionário para que os alunos possam se orientar sobre quais informações eles precisarão coletar com seus pais para a produção textual. Os alunos podem levar um esboço da árvore genealógica em seus cadernos para mostrar aos seus pais a fim de que o ajude da melhor forma.

OBSERVAÇÃO: É interessante propor que os alunos colem mais algumas informações que o professor ache conveniente, tipo a naturalidade ou religião dos membros, sempre analisando o contexto da sala de aula a fim de que as produções



sejam ricas em informações para as futuras discussões.

TERCEIRO MOMENTO:

O terceiro momento é dedicado a produção da árvore genealógica com as informações coletadas em casa. Começar o momento com uma roda de conversa sobre o significado e história de seus nomes. O professor distribuirá os materiais a cada um e acompanhará as produções, tirando dúvidas e sempre se mostrando interessado para com as informações trazidas pelos alunos. Os alunos podem ilustrar as árvores da forma que quiserem, colorí-las ou não.

QUARTO MOMENTO:

O quarto momento é dedicado as exposições. Não há nesse momento necessidade de apresentação, apenas de exposição, pois a atividade proposta é para cunho pessoal e íntimo, mas que transcende a vida familiar e atual, transcende para o social e como o aluno pode lidar com o futuro e suas escolhas. O professor deve colar todas as árvores em um mural a fim de que os alunos possam visualizar as outras árvores.

AVALIAÇÃO:

Os alunos serão avaliados quanto à participação oral e produção textual.



MATERIAL DE APOIO

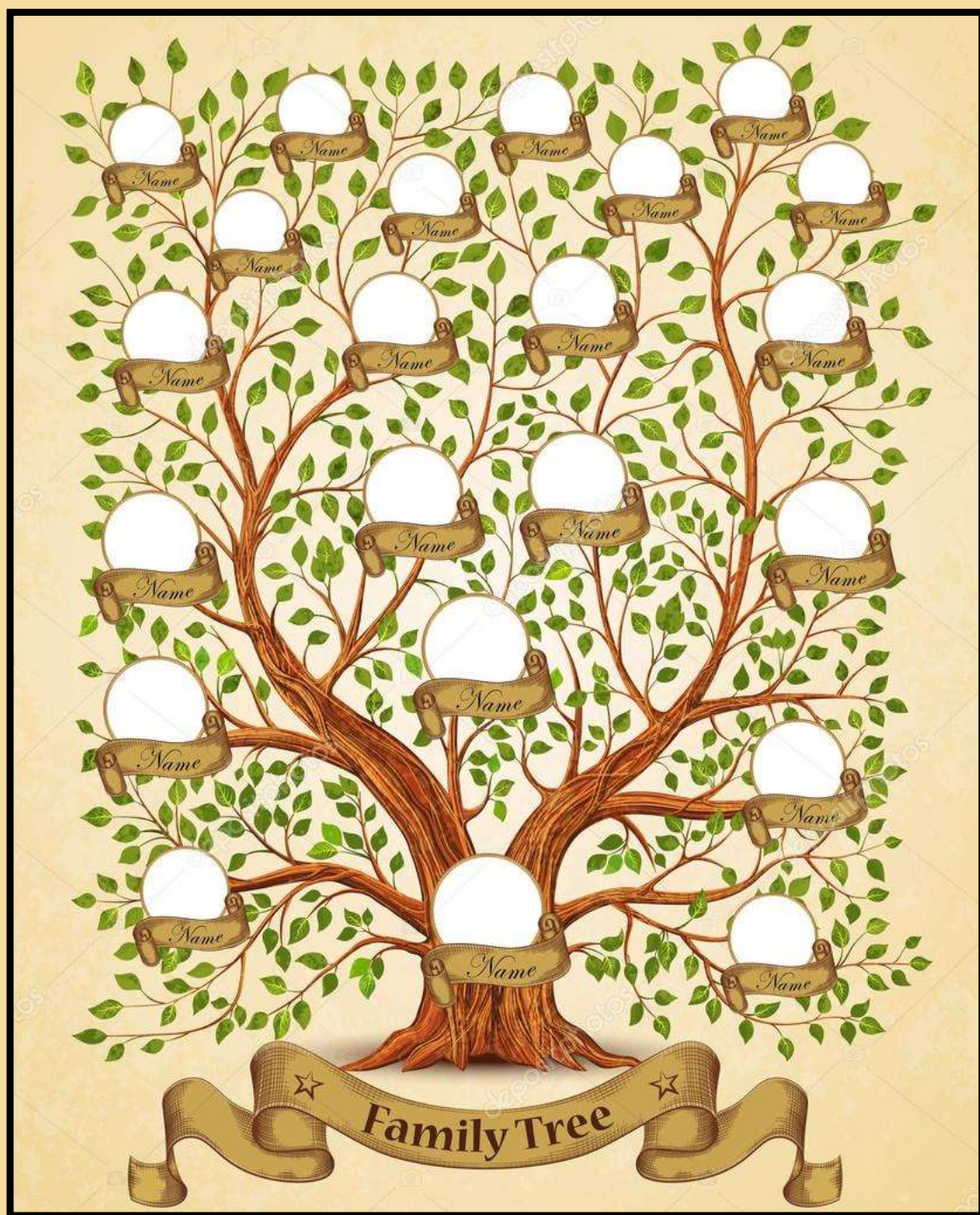
TEXTO BASE



CAPA DO LIVRO

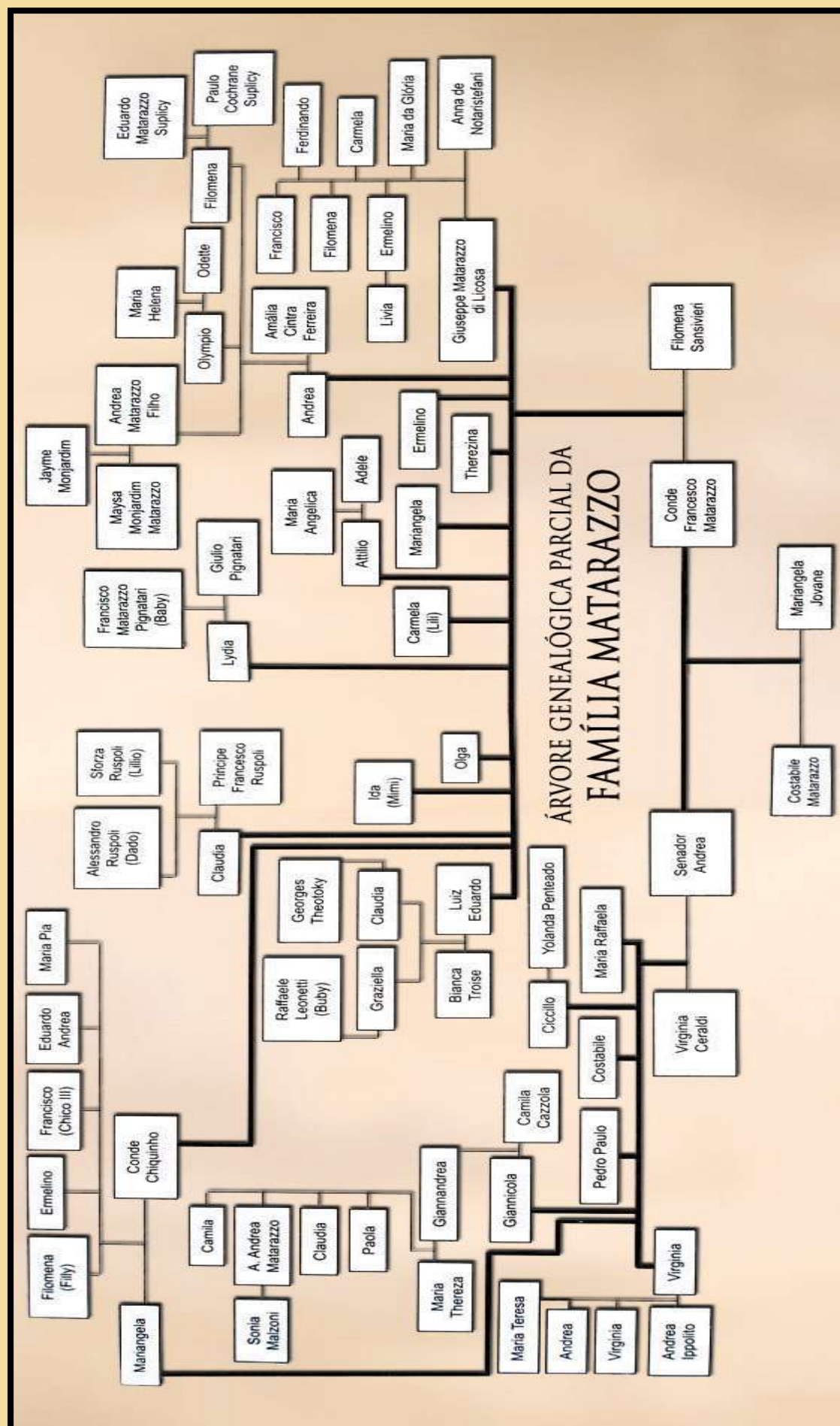
O conto objetiva contribuir com a valorização do patrimônio histórico e cultural dos afrodescendentes, na reeducação das relações étnico-raciais e na inclusão de novos saberes no currículo escolar, por meio da literatura. O texto traz a temática da relação entre racismo e identidade negra através de uma narrativa cheia de mistérios.

TEXTO COMPLEMENTAR 01



<https://www.istockphoto.com/br/vetor/modelo-de-%C3%A1rvore-geneal%C3%B3gica-vintage-ilustra%C3%A7%C3%A3o-vetorial-gm1134051735-301212942>

TEXTO COMPLEMENTAR 02



"Ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta."

Trecho do artigo "Ser negro no Brasil hoje", publicado pelo geógrafo Milton Santos na Folha de S. Paulo, em 2000.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não lutamos por integração ou por separação. Lutamos para sermos reconhecidos como seres humanos”

Malcolm X, ativista e defensor dos direitos dos negros nos Estados Unidos.

No primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, foi estabelecida a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas com a Lei Federal nº 10.639/2003. Um reconhecimento tardio da diversidade cultural das relações étnico-raciais, que deve estar presente dentro das escolas.

A existência de leis não garante a mudança nas práticas pedagógicas no dia a dia escolar. É necessário, também, um investimento em formação de professores contínuo. Além disso, Para uma implementação, o professor precisa de material didático específico, pois todo o processo pode ser fadado ao fracasso, caso não seja levado em consideração a mudança no desenvolvimento crítico do aluno frente as relações étnico-raciais, cultivando uma relação de respeito e valorização dos direitos humanos dentro das salas de aula.

O corpo docente, de forma interdisciplinar, precisa vivenciar atividades significativas de leitura e escrita no que diz respeito a historicização dos conteúdos. Abordem assuntos, como: a escravidão e racismo no Brasil, o mito da democracia racial, conceito de raça, as lutas e movimentos dos povos negros e tantos outros que não devem ser entendidos como apenas uma lista de conteúdos a serem repassados, mas como influência na busca efetiva de mudança de ações, comportamentos e posturas dos educandos.

Nesse sentido, é primordial que o Projeto Político Pedagógico – PPP seja revisto de forma plena. A inserção de estratégias que contemplem a implementação da Lei deve ser feita de urgente e eficaz. Estratégias de como devem ser abordados os conteúdos, bem como a divulgação de materiais que servirão de base para os Professores fazerem seus estudos e análises, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a Cartilha Infância sem Racismo, o texto Superando o Racismo na Escola, que reuniu muitas vozes a favor da luta contra o racismo e, diversos outros textos de especialistas. Como Munanga (2005), Os caminhos não são separados nem solitários, mas a especificidade exige abordagens diversas sem perder o rumo do diálogo e da troca de

experiência.

Neste caderno pedagógico, é proposto um trabalho com estratégias de leitura e escrita que dialogam com todos os textos apresentados no parágrafo anterior. Com elas, não há somente o trabalho da temática abordada, mas um caminho engrandecedor no favorecimento de uma abordagem em aulas de Língua Portuguesa que sejam deleitáveis. Nelas, os alunos tem acesso, de forma clara, o que se deve alcançar através de uma dada oficina, com objetivos, desenvolvimentos e produção claros.

Estimado professor, você não está sozinho e não constrói sozinho. Essa construção envolve você, alunos, gestão, funcionários, família. Enxergamos que atuar nos tópicos que falam sobre os Direitos Humanos não é fácil, mas carecemos de descomplicar esse processo. Este caderno pedagógico está a sua disposição a fim de, significativamente, a busca pela mudança no sentido de conceber a diversidade cultural no Brasil pelos nossos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 17 jan. 2018.

BRASIL / Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino fundamental.** MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro_01.

COLAÇO, Soraia. **Refazendo o caminho um reencontro com a nossa história.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

LIMA, L. H. **O Circo Multicor.** 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e editora, 2015. v. 2000. 16 p.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 15. ed. Campinas.

LIMA, L. H. **O Circo Multicor.** 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e editora, 2015. v. 2000. 16 p.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: MEC, 2005.

PINTO, Flávio Marcelo. **Zaki.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

RAMOS-LOPES, Francisca Maria de Souza. **A constituição discursiva de identidades étnico-raciais de docentes negros/as:** silenciamentos, batalhas travadas e histórias (re) significadas. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) –UFRN, Natal, RN, 2010.

SILVA, Renato Leonardo. **Leiza um conto de cabelos.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

Um abraço **Multicolor!**